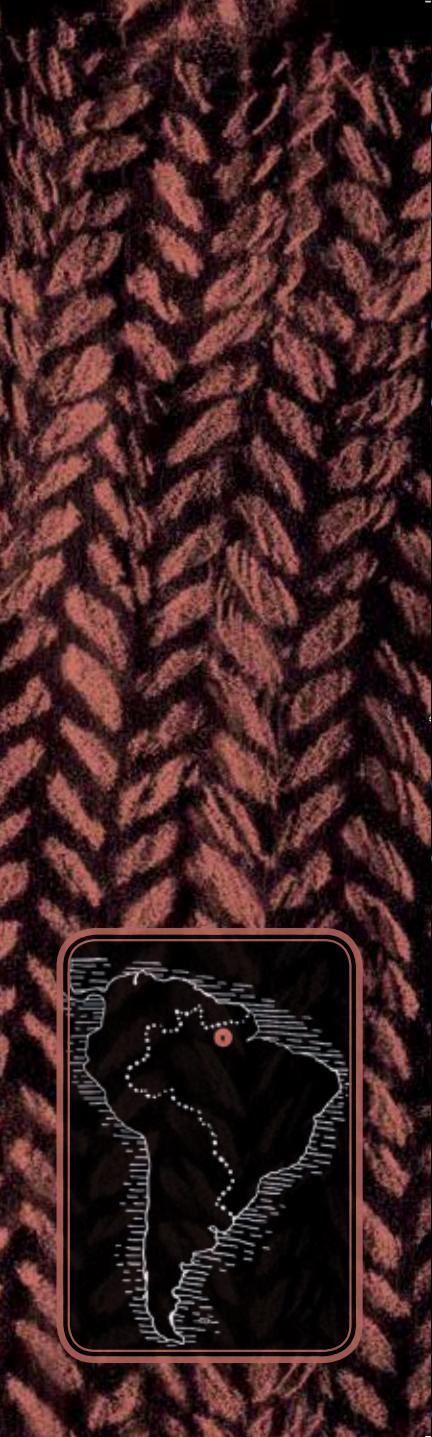


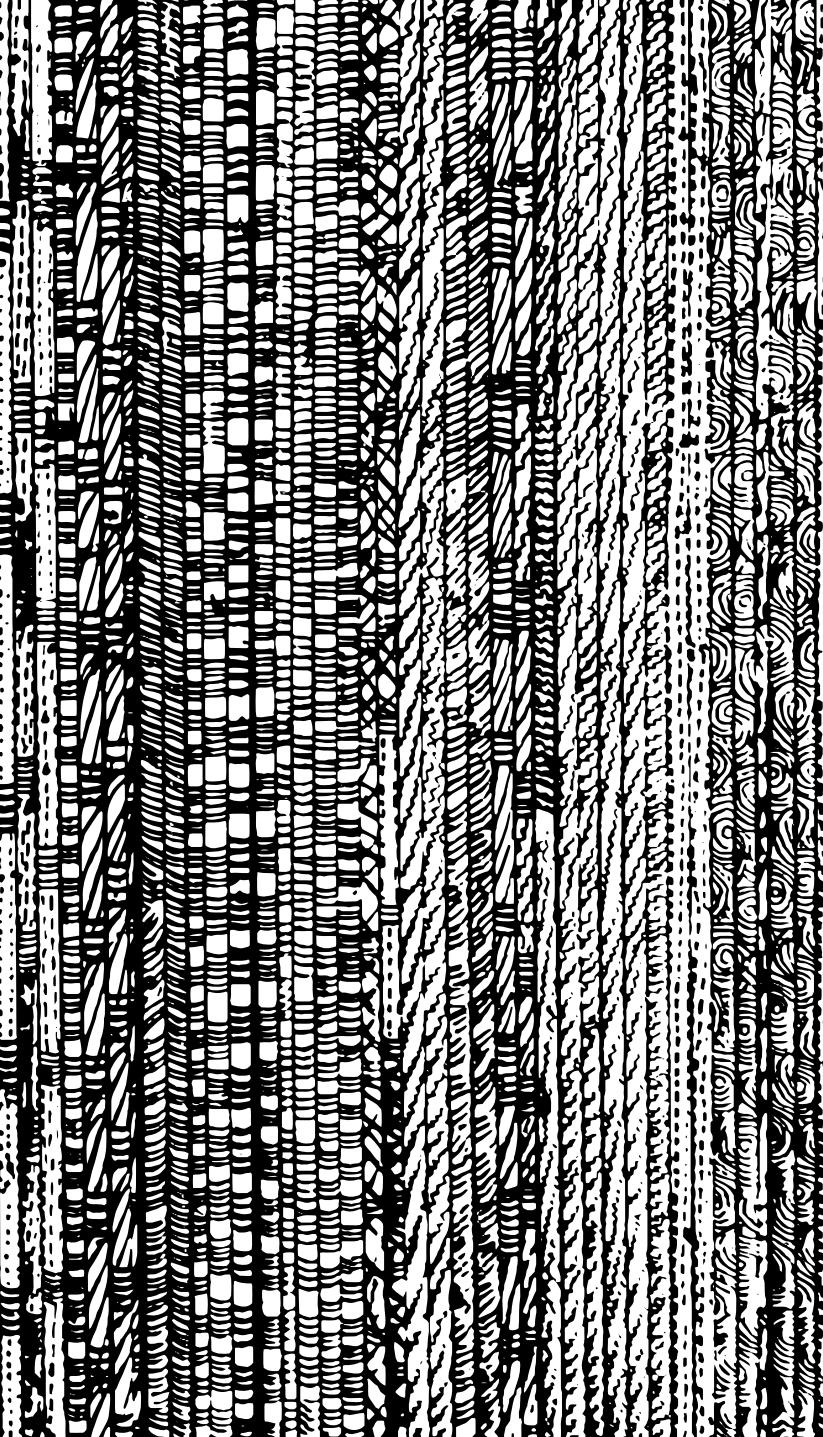
# POTUWA PORA KŌ

o que se guarda no *potuwa*



SABERES ZO'É





## **POTUWA PORA KÕ**

o que se guarda no *potuwa*

**HUGO PRUDENTE**

desenhos

**DANI EIZIRIK**

**KUBI'EUHU**

**WO'I & PANE**



**SABERES ZO'É**

Iepé & FPEC-Funai

2019

**COMO LER AS PALAVRAS DA  
LÍNGUA ZO'É CITADAS NESTE LIVRO ... 07**

**PREFÁCIO**

por Fábio Nogueira Ribeiro  
e Dominique Tilkin Gallois ..... 11

**POTUWA PORA KÔ**

o que se guarda no *potuwa* ..... 21

**PENAS NEGRAS** ..... 25

**SAN VAI À PROCURA DAS PENAS** ..... 43

**IRAPAT**

flecha pontiaguda ..... 51

**TABOCAS E OUTRAS TROCAS** ..... 55

**WYWA**

o cultivo das flechas ..... 61

**LEVES, BELAS E AFIADAS** ..... 67

**KUSIWET**

os padrões gráficos ..... 69

**TUKANA RAWET**

penugem de tucano ..... 81

<b>DYBOPOT</b>	
linhas coloridas .....	85
<b>ODE-ODE</b>	
emenda-emenda .....	87
<b>BATA</b>	
flecha de soco .....	95
<b>KWATA BOPUHA</b>	
assusta-macaco .....	99
<b>SARAKE</b>	
zagaia .....	103
<b>RIKURU</b>	
flecha farpada .....	107
<b>PIDE</b>	
flecha-arpão .....	109
<b>POR ONDE A CAÇA ANDA</b>	121
<b>ATRÁS DAS PENAS OUTRA VEZ</b>	123
<b>COMO ESSE LIVRO FOI FEITO</b>	139
<b>GLOSSÁRIO</b>	143

**COMO LER  
AS PALAVRAS  
DA LÍNGUA ZO'É  
CITADAS NESTE LIVRO**

Até muito recentemente, a língua falada pelos Zo'é era apenas usada oralmente. Trata-se de uma língua ainda pouco conhecida, da família Tupi-Guarani. Desde 2017, um grupo de jovens líderes e alguns rapazes vem se apropriando da leitura e escrita em sua própria língua. Para o desenvolvimento das ações de letramento, a equipe do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - Iepé se apoiou na proposta de ortografia da língua zo'é elaborada pela linguista Ana Suelly Cabral (2013). As escolhas assumidas neste livro são de responsabilidade do autor.

Como acontece com qualquer idioma, a escrita em zo'é é específica dessa língua, cujos sons não são equivalentes aos da língua portuguesa. Por isso, as palavras deste livro escritas em zo'é não devem ser pronunciadas como se leria uma palavra em português.

Normalmente a sílaba mais forte da palavra é a última. Não é necessário usar acento agudo. *Ode*, por exemplo, significa emendar, e deve ser lido “odé”.

Devemos ler *kusi*, cutia, como “cussí”, pois o **S** nunca tem som de **Z** e não é preciso grafar **SS** como no português.

Já a palavra *San*, nome de um líder zo’é, deve ser lida com som de **X**, do modo como pronunciamos, em português, a palavra “xampu”. É a letra **S** que representa este som na escrita da língua zo’é, nunca usamos x nem ch.

A letra **Y** representa um som que não temos na língua portuguesa. Ele soa próximo ao “eu” francês e é muito frequente nas palavras zo’é. Há alguns exemplos ao longo do livro.

O **W** tem um som próximo ao nosso **U**. Assim, *wata*, “andar” não deve ser lido “vatá” e sim “uatá”. A pronúncia do **W** pode ser muito suave. Na palavra *potuwa*, por exemplo, ele quase nos passa despercebido, soprado entre os lábios, “potuuá”.

A letra **H** soa como no inglês. A palavra zo’é para arco, *baha*, deve ser lida “barrá”.

O **R**, por sua vez, nunca tem som de **RR**, mesmo no começo da palavra. A flecha farpada feita pelos Zo’é é chamada *rikuru*.

Nesta palavra, devemos pronunciar o **RI** do mesmo modo que fazemos na palavra “júri”.

A pronúncia do **R** pode ser um pouco diferente quando ele está entre duas vogais. Isso acontece na palavra *irapat*, “flecha dele”. Aos nossos ouvidos, ela soa como “ireapát”.

Algo parecido acontece com a letra **K**. O nome do jovem *Tekaru*, por exemplo, deve ser lido “Tekiarú”.

Já o **KW**, tem o som do nosso **QU**, como na palavra *kwata*, nome de um tipo de macaco, conhecido em português como macaco-aranha ou coatá.

*Tajahu*, o porco-queixada, deve ser pronunciado “tadzarrú”. O **J** tem diferentes usos na escrita em zo’é, a depender da vogal que o acompanha. Na palavra *piriji*, “taboca”, ele soa como **DJ**, “piridjji”.

No caso das palavras *pajan* e *wajū*, devemos ler, respectivamente, “pinhá” e “uānhu”. Nestes dois casos, o **J** está junto de uma vogal nasal e soa como **NH**. Os Zo’é costumam traduzir *pajan* como “amigo” e *wajū* é o nome dado a uma árvore, bem como à madeira clara e maleável que ela fornece.

Por fim, quando o **J** aparece depois de qualquer vogal, ele soa como um **I** fraco. Por exemplo, em *tokej*, “tocaia”, cuja pronúncia é muito próxima da palavra “toquei”, em português.

## PREFÁCIO

Este é o primeiro volume de uma série de publicações dedicadas aos saberes e práticas do povo Zo’é. Este livro descreve a tecnologia de fabricação de flechas, que todos os homens zo’é sabem fazer desde jovens, utilizando diversas matérias-primas e utensílios que cada um guarda em seu *potuwa*, um pequeno cesto com tampa, feito com lascas de arumá e confeccionado pelas mulheres.

Por meio desta publicação, esperamos dar a conhecer alguns aspectos dos sofisticados conhecimentos que estão na base do modo de vida deste povo de língua Tupi-Guarani. Em próximos volumes da série serão abordados conhecimentos envolvidos no cultivo das roças, na construção das casas, no preparo dos alimentos e na fabricação de outros muitos artefatos do dia a dia.

## ZO'É

Habitantes de densas florestas situadas no interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do Pará, os Zo'é são hoje 310 pessoas, que se distribuem entre mais de 40 pequenas aldeias. Sua terra foi demarcada e homologada em 2009, com 668.565 hectares.

Em situação de recente contato, os Zo'é convivem com agentes de assistência há apenas três décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social e territorial. Uma das principais características do seu modo de vida é a intensa mobilidade das famílias entre diferentes roças e aldeias. Esse modo de ocupação garante acesso aos recursos florestais sem esgotá-los, uma vez que as atividades de cultivo das roças, de caça, pesca e coleta são feitas em pequena escala, pelas diferentes famílias, em áreas distintas. Dessa forma, eles acumulam um exímio conhecimento sobre seu território, percorrido através de uma intrincada rede de caminhos que dão acesso não só às aldeias, acampamentos e capoeiras, mas a pontos específicos de caça de determinados animais, ou a locais de coleta dos mais

diversos recursos utilizados no dia a dia, tanto para alimentação como para a fabricação de utensílios.

A qualidade de vida dos Zo'é decorre, portanto, desse grande acervo de conhecimentos, transmitidos e aperfeiçoados ao longo das gerações. Se, nas últimas décadas, os Zo'é se apropriaram seletivamente de alguns itens industrializados, continuam valorizando seus próprios saberes e tecnologias para fabricar os artefatos que utilizam cotidianamente.

## FAZ

Com o intuito de fomentar a divulgação qualificada e o reconhecimento dos saberes e práticas dos Zoé, a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPEC/Funai vem ajudando os Zo'é a comercializar alguns objetos e adornos de seu cotidiano, como cestos e cofos trançados, pulseiras de ouriço de castanha, recipientes em cerâmica, tipoias feitas de algodão e colheres de madeira e coco. A renda gerada com a venda dessas peças assegura maior autonomia da comunidade na aquisição dos objetos industrializados que foram incorporados ao modo de vida dos Zo'é há várias

décadas. Entre esses objetos, destacam-se facas, machados e terçados, anzóis, arames e linhas de pesca, lanternas, pentes, linhas de algodão.

A gestão deste Fundo de Artesanato Zo'é – FAZ é realizada pela FPEC/Funai com a participação de toda a comunidade, a qual avalia os resultados da venda e decide quais objetos adquirir, assim como define os modos de distribuição entre pessoas e famílias.

Cabe destacar que apenas uma parte restrita dos artefatos produzidos pelos Zo'é podem ser comercializados, tendo em vista o artigo 29 da Lei 9.605 (Lei de crimes ambientais), que proíbe a venda de peças contendo partes de animais. Flechas, por exemplo, compostas com penas de aves e lascas de ossos não podem ser vendidas. Da mesma forma, não se vendem adornos em plumária. Outros artefatos, como o arco, feito de uma madeira extremamente dura e rara, não são vendidos para evitar a diminuição do estoque desse recurso, fundamental na produção e segurança alimentar do povo Zo'é.

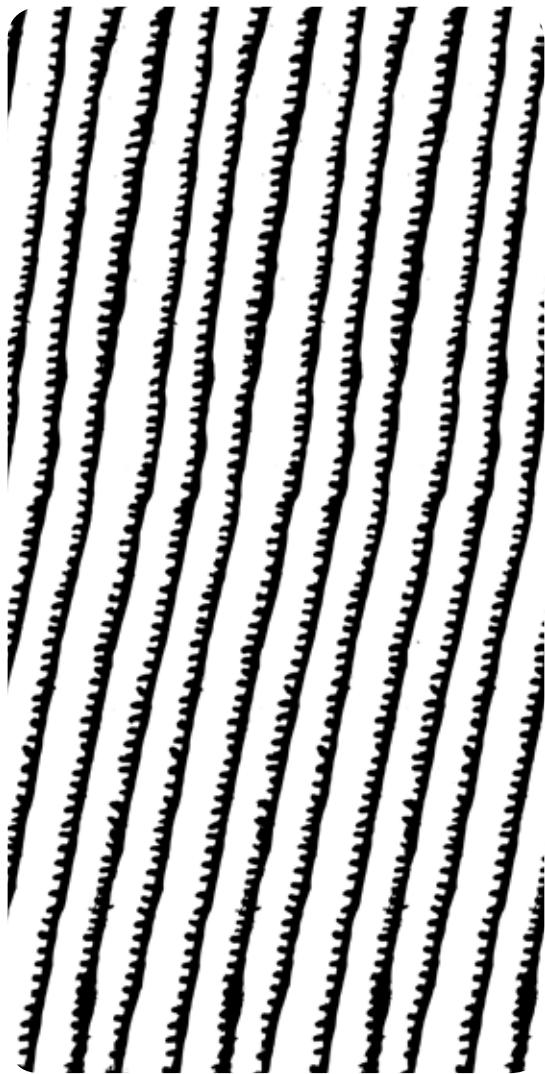
É por este motivo que esperamos, com a venda dos livros desta série, poder aumentar o volume de recursos necessários à aquisição e distribuição dos bens de consumo que fazem

parte do cotidiano das famílias zo'é. Ao mesmo tempo, o Fundo de Artesanato se propõe a valorizar os conhecimentos envolvidos na coleta das matérias-primas e na confecção das peças.

Kejá, 25 de outubro de 2019.

Fábio Nogueira Ribeiro,  
Coordenador da FPEC/FUNAI

Dominique Tilkin Gallois,  
USP e Iepé



miū ritu niremi kirahi muha

miū ritu aeruwāsa potuwa

kuhini warabyrakō

potuwa pe titisu miū buhu

derame ej po kurutuk

perepo ritu te noho potuwa

potuwa hayt wirete wararitu

kusiwēj ae nowe

simojing ae nowe

ratihun ae nowe

kise ae nowe

boko pe myang potuwa potakō

ei awapoi

[PÁGINA ANTERIOR](#)

“Os *kirahi* devem achar que é para guardar comida, mas o *potuwa* não é para isso não.

Os antigos, certa vez, colocaram comida dentro de um *potuwa* e por causa disso ficaram de estômago embrulhado.

O *potuwa* grande é só para guardar penas. O *potuwa* pequeno é para guardar linha de flecha, é para guardar o formão *kusiwēj* e o tensor *simojyng* também, resina de árvore também, faquinha também.

São essas coisas que se guarda no *potuwa*,  
disse Awapo’i.”

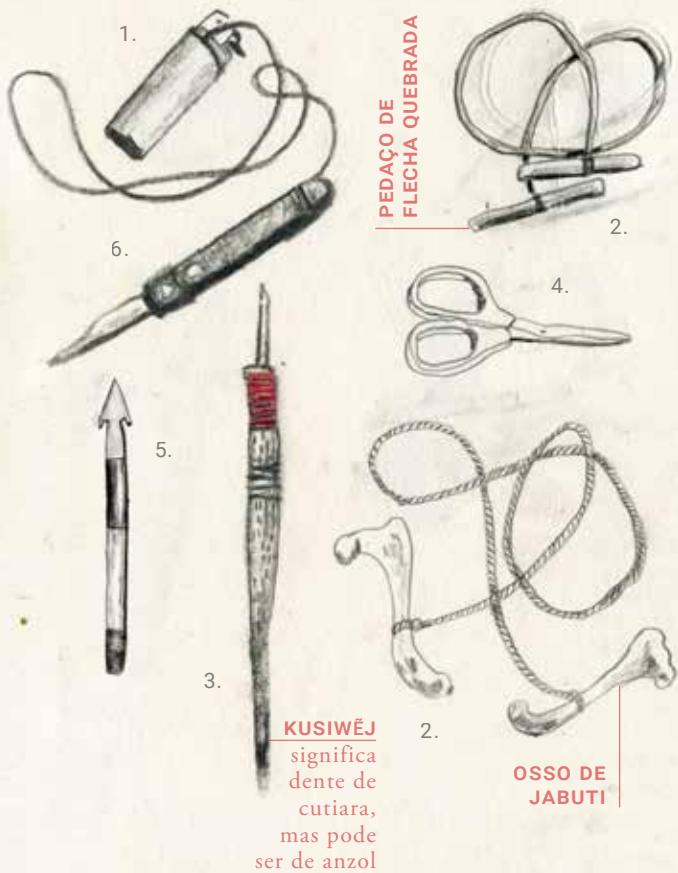
O *potuwa* é um pequeno estojo de arumá trançado, feito pelas mulheres zo’é. Portátil, ele é sempre levado pelos homens, todo caçador deve ter o seu. O conjunto de objetos reunido dentro do *potuwa* chama a atenção por sua composição diversa. Nada é à toa, essas são as escolhas dos Zo’é que lhes garantem as flechas mais belas, mais velozes e mais precisas. Todos os dias, junto ao fogo, o caçador aquece e endireita as suas flechas, faz pequenos reparos ou prepara flechas novas, tendo ao seu lado o *potuwa*. Cada item ou material importante na produção de uma flecha traça as suas trajetórias. São objetos que levam e são levados. Este livro propõe abrirmos juntos o *potuwa* e acompanharmos um pouco este movimento através do território zo’é.



# POTUWA PORA KŌ

o que se guarda no *potuwa*



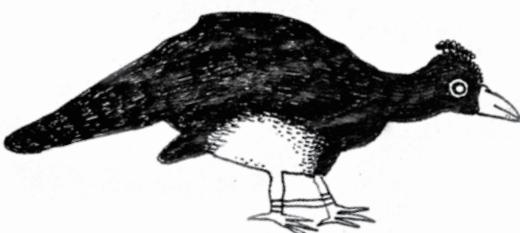


1. **TATA**
2. **SIMOJYNG** tensor
3. **KUSIWĒJ** formão
4. **POROSUWUHA**
5. **PIDERAHĀJ** ponta de arpão
6. **BOKE RA'YT / KISE**



7. **BAHA HAM** corda do arco
8. **TUKANA RAWET** penugem de tucano
9. **RATIHUN**
10. **WYHYK**
11. **WIREREWAT** linha
12. **BATA** ponta de flecha de soco
13. **PIDE HAM**

## PENAS NEGRIAS



As penas negras de mutum e de urubu-rei são as melhores para fazer flecha. São sempre as penas das asas. Elas são um bem valioso. São elas que encontramos guardadas no *perepo riru*, o estojo guarda-penas. É importante ter muitas delas.

Penas de arara e de gavião-real também são boas para fazer flecha. Elas são usadas às vezes, mas não são as preferidas, não as vemos guardadas assim, em quantidade.

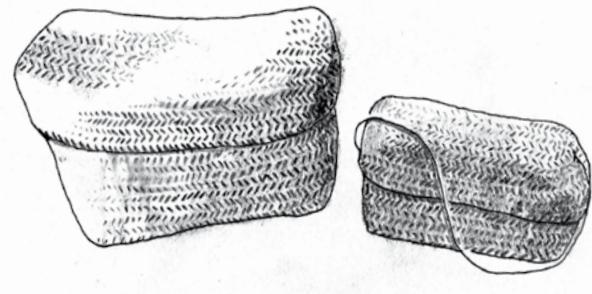


### PEREPO TYPOJ

1 - AS PENAS DA METADE INTERNA DA ASA

### PEREPO TA'YN

2 - AS PENAS DA METADE EXTERNA DA ASA



PEREPO RIRU

GUARDA-PENA

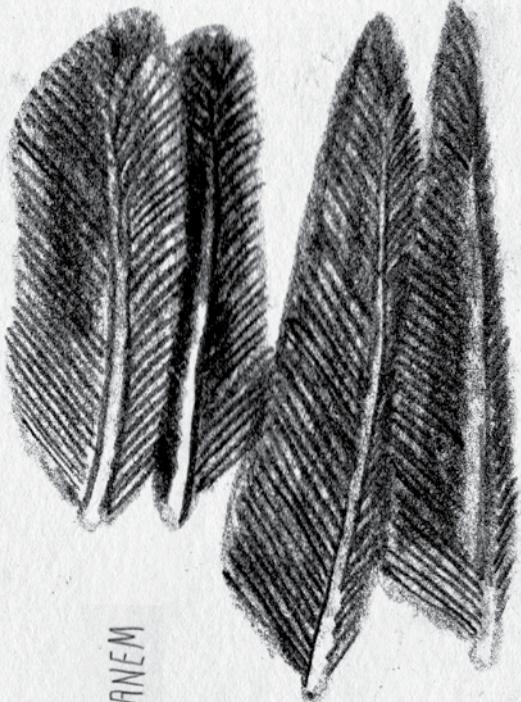
KUSIWEJ RIRU

PORTA-KUSINÉJ

O *perepo riru* é um pouco maior e fica sempre guardado em casa. É diferente do *potuwa* pequeno, a caixa de ferramentas do caçador, levada para toda parte.

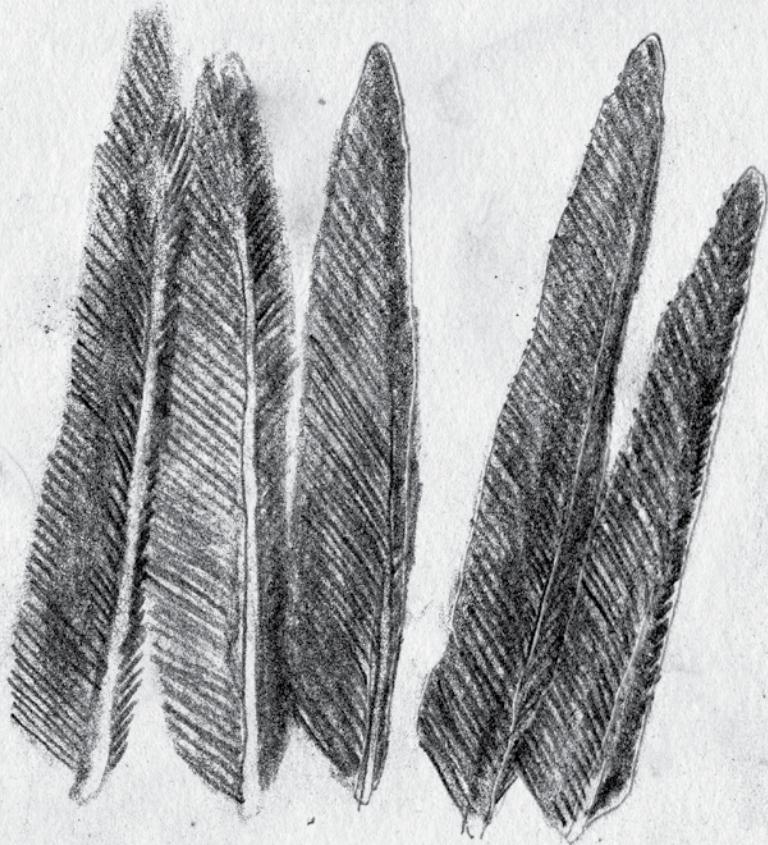
As penas das asas do mutum são as mais firmes. Elas nunca ficam encharcadas, mesmo na chuva, por isso são escolhidas e guardadas, sempre.

Já na asa do urubu-rei, apenas as *perepo ta'yn* são boas de verdade. As outras são deixadas para os garotos menores, que ainda não fazem flecha direito. Eles podem levar as *perepo typoj* mesmo, para ir aprendendo.



PEREPO PANEM

PEREPO PANEM iWYRiWET



PEREPO BYTET

PEREPO Ti'ñj iWYRiWET

PEREPO Ti'ñj

As penas *perepo ta'yn* são 9. Ou melhor, são 18: nove em cada asa. Elas não são todas iguais, são diferentes como os dedos da mão. Cada uma tem a sua posição e o seu nome específico.

Não é tão bom usar duas penas de urubu-rei em uma mesma flecha. Como as penas de mutum são as mais firmes, é sempre melhor fazer par combinando: uma de urubu-rei e uma de mutum.



9

9

= 18

Elas vão ser presas na flecha com a resina extraída de uma árvore chamada *ratihun* e então vão ser amarradas com linha de costura (melhor dizendo: linha de flecha). Uma de cada lado.

Nem toda pena pode fazer par com outra. Para dar certo, elas precisam ser do mesmo tipo (como polegar com polegar, indicador com indicador, mindinho com mindinho).

Para fazer uma flecha fina e pequena:

uma pena de urubu-rei  
e uma de mutum,

**MAS AMBAS PEREPO TI'ĀJ.**

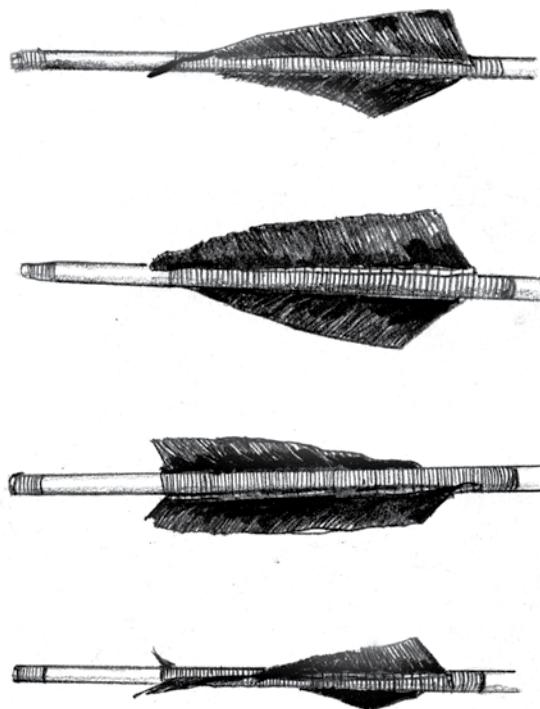
Para fazer uma flecha grande:

uma pena de urubu-rei  
e uma de mutum,

**MAS AMBAS PEREPO BYTET.**



Um dos lados da pena vai ser completamente arran-  
cado e o eixo central vai ser cavado e aberto com o formão *kusiwēj*. É desse jeito que as penas vão ser combinadas.



Duas metades de pena vão ser fixadas na flecha com resina e linha, uma de cada lado. Elas vão ser amarradas de um modo especial, desenhando uma leve torção. Isso é importante para que juntas elas formem uma hélice, um instrumento de propulsão. Quando é disparada, a torção das penas faz a flecha girar sobre

o seu próprio eixo e correr ainda mais veloz – fazendo um som bem característico, um sussurro de asas. É assim que as penas fazem a flecha voar.

É por isso que se diz, de uma flecha bem feita, que ela gira bem, segue certeira e soa bonito.

#### **PYRYRY GATU**

gira bem

#### **OHO GATU**

segue bem

#### **NE'ENGATU**

soa bem

Para ter a forma certa e girar bem, tem que combinar *duas penas direitas ou duas penas esquerdas*. Nunca formar par misturando direita e esquerda: por isso se diz que elas formam par, mas não se espelham.





**WAJAT RUWU**  
de um lado urubu-rei

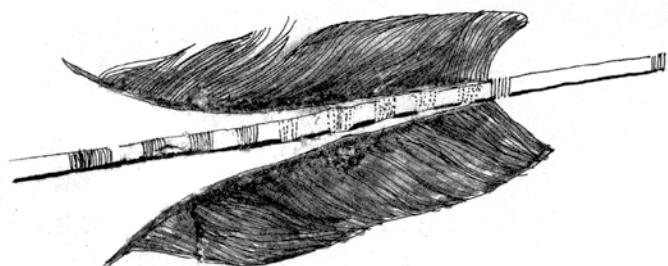
**WAJAT MITU**  
do outro, mutum

**DOJIWESAGI**  
e elas não se espelham

**A'EPETE**  
assim está certo

Depois que as penas são presas com resina e linha, a parte de trás da flecha ainda não está pronta. Ela precisa ser reforçada por dentro com uma fina vareta de madeira, para aguentar o impacto da corda do arco. A madeira certa para isso é chamada *wajū*. Ela é leve, maleável e fácil de encontrar na mata, perto das aldeias.

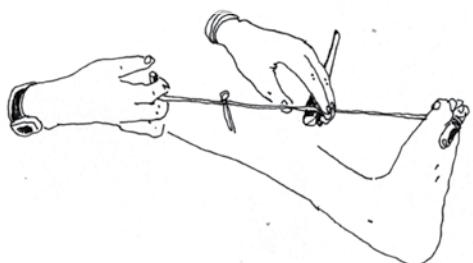
A vareta de *wajū* precisa ser fina o suficiente para ser enfiada no interior da flecha. Ela vai ser esfregada com a resina extraída de uma outra árvore, a maçaranduba, que os Zo'é chamam *wyhyk*. Quando é aquecida, esta resina fica pastosa e se torna uma poderosa cola, perfeita para segurar as peças internas da flecha.





É para firmar a vareta de *wajū* que serve o *simojyng*. Ele é puxado com força e comprime a haste da flecha até esmagá-la. Precisa fazer isso exatamente ali atrás das penas, onde a vareta de *wajū* tem que ficar bem fixada.

Por fim, é preciso riscar o encaixe da corda do arco, usando uma faquinha ou o *kusiwēj* (o formão de dente de cutiara).



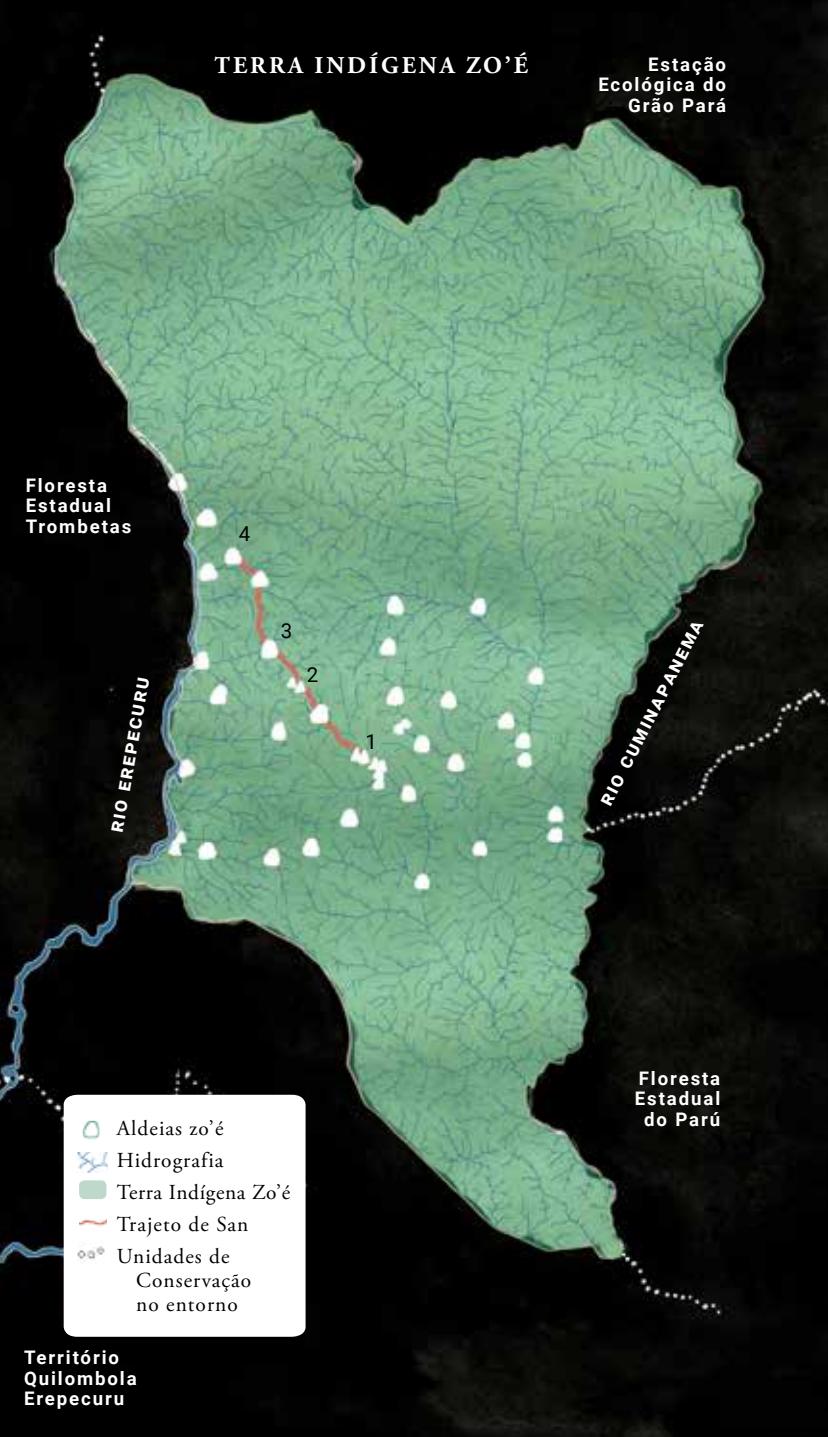


O acabamento colorido é feito com linha de flecha e com resina *ratihun*. Ele também ajuda a manter a vareta de *wajū* firme no seu lugar. É sempre assim: *wyhyk* para colar por dentro, linha e *ratihun* para prender por fora.

Elas são as resinas usadas para fazer flecha, resinas de duas árvores diferentes, com um uso sempre atento às suas características específicas.



A resina da árvore *ratihun* é mais seca e mais consistente, como uma cera. A resina da macaranduba, *wyhyk*, é mais viscosa e se derrete com facilidade, como uma cola. Ela é forte o suficiente até mesmo para remendar o casco de uma canoa.



## SAN VAI À PROCURA DAS PENAS

É bonito ver a aldeia onde San vive hoje. As duas casas amplas, arejadas, os fardos cheios de farinha estocados no alto, perto das flechas, os pés de manga e de graviola, as bananeiras e a fartura da carne de caça todos os dias. San conheceu a aldeia Towari Abyra Rupa, “morada do finado Towari”, esse lugar que ele escolheu para ser sua casa, durante uma longa viagem em busca das penas.

Isso já faz mais de vinte anos, San já era um rapaz e ainda morava na aldeia Jawara Kawen com a sua mãe. Junto com o velho Tarawit, eles abriram caminho até um acampamento de caça muito antigo e bem distante dali, na beira do igarapé Pururuty.

aldeias citadas

1. Jawara Kawen
2. Pokaty
3. Towari Abyra Rupa
4. Pururuty



O velho Tarawit havia morado naquela região, muitos anos atrás. A mata já tinha fechado os caminhos antigos, mas ele ainda lembrava o rumo. Contava que lá tinha muita caça e juntou um pessoal que queria ir para lá conhecer.

Eram umas dez pessoas, seguiam devagar, acampando, caçando e comendo muito durante a viagem. Levaram bastante farinha, para ficar muitos dias longe de casa, na mata. O tempo das chuvas chegava devagar. “*Kohajiapyrahy tî?*”, eles diziam: queriam muito reocupar aquele território.

Daquela viagem até Pururuty, o jovem San e o velho Tarawit voltaram para casa com muitas penas. Penas negras de mutum e de urubu-rei para guardar no *potuwa*. Enquanto retomavam os caminhos antigos, eles se preparavam para o inverno: tempo de chuva é tempo de caça farta, tem que fazer muita flecha.

**KWATA IKE POTAT, A'E MITU  
TAJUKE WYWA TAJAPO UHU  
JAWO AWA AMAN IPY  
RAME OKWA!**

“Quando o macaco coatá está para engordar, então a gente vai embora para matar mutum e fazer muita flecha, no começo das chuvas!”,  
disse San.

Os Zo’é gostam sempre de ir bem longe, mas querem ir ainda mais longe quando vão em busca das penas. Perto de onde tem aldeia, o mutum é um animal muito arisco. Nas matas distantes, o mutum que nunca viu gente ainda não tem medo de flecha. É lá que é bom ir atrás das penas.

O urubu-rei mora muito longe no céu. Muito acima das cabeceiras dos rios e do cume das serras. Ele não desce à toa, e também não desce em qualquer lugar. Tarawit sabia onde o urubu-rei gosta de descer. Para conseguir pegar as suas penas, tem que fazer tocaia e esperar escondido — mas tem que ser no lugar certo.

Foi durante aquela viagem que San conheceu as aldeias antigas que os Zo’é

haviam deixado para trás anos antes. A aldeia velha do finado Tereke Uhu ainda tinha as bananas da antiga roça. Da antiga aldeia Jawaraty, sobravam apenas os esteios da casa e os velhos pés de cuia. Na casa do finado Towari, restava um pouco do antigo flechal, e no lugar da aldeia Pokaty crescia a capoeira, os pés de inajá já estavam altos e cheios de frutos — lugar de aldeia antiga é sempre assim, quem conhece vê.

Hoje, as bananas que eram de Tereke Uhu estão na roça da aldeia Pururuty; o antigo flechal de Towari cresceu e se espalhou na aldeia onde San mora; o velho caminho da aldeia Jawaraty é o rumo que eles tomam para colher novas cuias, e para ir no castanhal.

**JI KURIRI WARA REKONANAMU,  
A'E IKORAHY, A'E JI DAPOHIRI,  
DAPOHIRI...**

“Fui eu que vim no lugar dos antigos, em troca deles. É assim que eu quero viver, daqui eu não largo, não largo não...”,  
disse San.

Hoje existem muitas aldeias entre Jawara Kawen e Pururuty, com seus moradores, suas casas e suas roças. Naquela época não havia nenhuma delas. O que havia era a floresta e as aldeias antigas, que já estavam virando mata também. Depois daquela viagem, algo recomeçou.

A primeira aldeia que se formou por ali foi Pokaty. A gente vê no mapa, ela está bem na metade do caminho. Foi assim. San trouxe muitas penas para a casa dele naquela época, a aldeia Jawara Kawen, trocou algumas por cana-de-flecha e se preparou para uma nova caminhada.

Quando chegou mesmo o tempo de caçar macaco, quando o coatá já estava bem gordo, comendo as frutas do inverno, ele já tinha bastante flecha e já conhecia o caminho de Pururuty. Pegou aquele rumo outra vez e abriu acampamento ali no meio, nem muito longe, nem muito perto. Muita gente foi junto com ele comer coatá, ficar ali. Foram ainda muitas vezes depois, e começaram a gostar mesmo do lugar que ia se tornar a casa deles.

A passagem das chuvas e a estação do coatá gordo, as longas viagens atrás das penas de mutum e de urubu-rei, são momentos do ciclo anual dos Zo'é. O desejo de voltar a ocupar lugares antigos, fartos em caça e em conhecimento, é um movimento da sua temporalidade também. Nas voltas que esse tempo refaz, é para frente que se abre caminho.



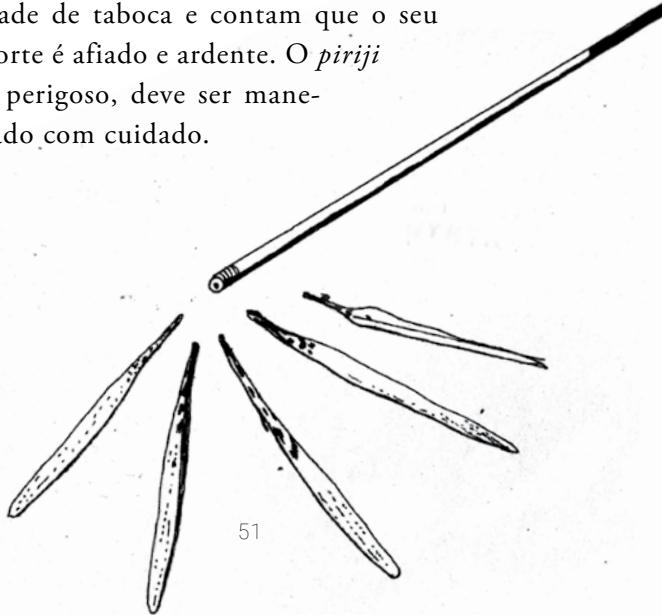


## IRAPAT

flecha pontiaguda

Flechas diferentes têm nomes diferentes. Elas são reconhecidas pelo tipo de ponta e pelo seu uso. Esta flecha é chamada *irapat*. Ela é a mais usada pelos Zo'é, feita em maior quantidade do que qualquer outra, pois serve para matar a maior parte dos animais que eles procuram. Sua ponta é feita de taboca.

A taboca é um tipo de bambu, mas não é tão grande. Ela se concentra em certos lugares na mata, formando os densos tabocais onde pode ser coletada. Os Zo'é chamam de *piriji* esta variedade de taboca e contam que o seu corte é afiado e ardente. O *piriji* é perigoso, deve ser manejado com cuidado.





Um corte feito com *piriji* não cicatriza fácil. Ele é quente, dizem, não é como faca não.

A ponta de taboca pode ficar presa a uma vareta resistente feita com o cipó chamado *paratimā*, ou pode ser encaixada diretamente na haste da flecha.

Depois de preparada, a taboca *piriji* assume um tom claro. O que deixa a ponta da flecha mais escura é o sumo da casca de uma árvore chamada *bo'y*, aplicado no final.

Tal como vimos ser feito com a vareta de *wajū*, a ponta de taboca é colada por dentro da flecha com *wyhyk*, a resina de macaranduba, pressionada depois com o tensor *simojyng* e reforçada por fora com linha de flecha e com a resina *ratibun*. *Wyhyk* por dentro, linha e *ratibun* por fora. No fogo baixo, o calor reforça a cola das duas resinas.



## **TABOCAS E OUTRAS TROCAS**

**MO'EAHI TURI KÕ OERUT,**

**A'E JA NOWE JI!**

**TURI MI'Ü OPA RANE,**

**PIRIJI BOBA NOWE...**

“O avião traz  
sempre as nossas lanternas,

assim como o avião,  
eu trago as tabocas!

As pilhas das lanternas acabam,

assim como se gastam  
as pontas de taboca”,

disse Seri.



As tabocas são trazidas da mata para a aldeia e partidas em pedaços com cuidado. Ali, elas vão ser secadas no fogo, amarradas em feixe e deixadas ao sol por alguns dias, antes de serem guardadas. Depois disso elas podem ser levadas a qualquer lugar. Onde quer que alguém precise fazer flecha.

Seri é irmão mais velho de San, ele mora na aldeia Kipí'i i'y — não muito longe da aldeia Pokaty e de Towari Abyra Rupa. Perto da aldeia de Seri, indo para as cabeceiras do igarapé que serve a sua casa, tem um tabocal bem grande onde ele costuma ir. Ele se alegra em falar sobre as tabocas que sempre distribui. Quando visita os seus irmãos, nas aldeias ali por perto, gosta de levar algumas delas para dar de presente.

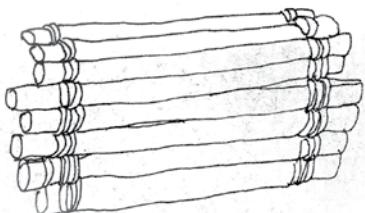
Tem gente que vem até a casa de Seri só mesmo para buscar as tabocas que ele coleta e põe para secar. Ruwa, da última vez, deixou bastante farinha em troca. Com Wahu é diferente. Wahu tem casa ali perto, na beira do rio Erepecuru. Ele sempre passa pela aldeia Kipí'i i'y, é seu caminho de pesca, e toda vez pede

algumas tabocas. Então, quando fica no Erepecuru, Wahu já costuma mesmo mandar para Seri carne de coatá e peixe moqueado. Manda sempre. Ali dá muito surubim grande.

### KI, PIRIJI REKONÃ!

“Um tanto grande assim,  
em troca das tabocas!”,  
conta Seri, satisfeito.

O velho Boj é outro parceiro de Seri, mas mora bem longe de Kipí'i i'y. Eles combinaram pelo rádio. Boj é dono do flechal da antiga aldeia Kiheta, ele tem sempre muitas canas-de-flecha para dar em troca.





## WYWA

o cultivo das flechas

*Wywa*, a cana-de-flecha, é um cultivo das roças zo'é. Ela cresce em hastes longas, finas e retas, sem nenhum nó, que podem passar de cinco metros de altura. No alto, descansa um farto pendão marrom-amarelado, levemente conduzido pelo vento e dourado pelo sol. Embaixo, folhas compridas se abrem e se espalham muito verdes e fartas: é difícil andar no meio do flechal se alguém não está sempre limpando o caminho.

As raízes da cana-de-flecha avançam longe dentro do chão, trazendo à luz, aqui e ali, novos brotos. Com facilidade, ela pode se estender em um vasto flechal ao redor da aldeia. Dizem que ela “anda muito”, e que ela “come” a mandioca. Por isso não é bom plantar flecha em roça nova, ela invade o espaço dos outros cultivos e sufoca suas raízes. É quando a roça já está velha que se planta cana-de-flecha. É nessa hora que dizem “vamos largar dessa aldeia” e logo logo o flechal toma conta de tudo.



Na verdade, visitar o flechal, mantê-lo limpo e bem cuidado, é um bom motivo para estar sempre voltando nas aldeias velhas. Muitos anos depois de deixar uma aldeia, os antigos moradores ainda vão lá buscar cana-de-flecha.

As canas-de-flecha são um bem muito apreciado. Depois de colhidas e preparadas, são amarradas assim, e podem ser levadas, guardadas ou trocadas. Todo mundo precisa de flecha. Dá para trocar por tabocas, por penas, por farinha e até por panelas de barro.





## LEVES, BELAS E AFIADAS

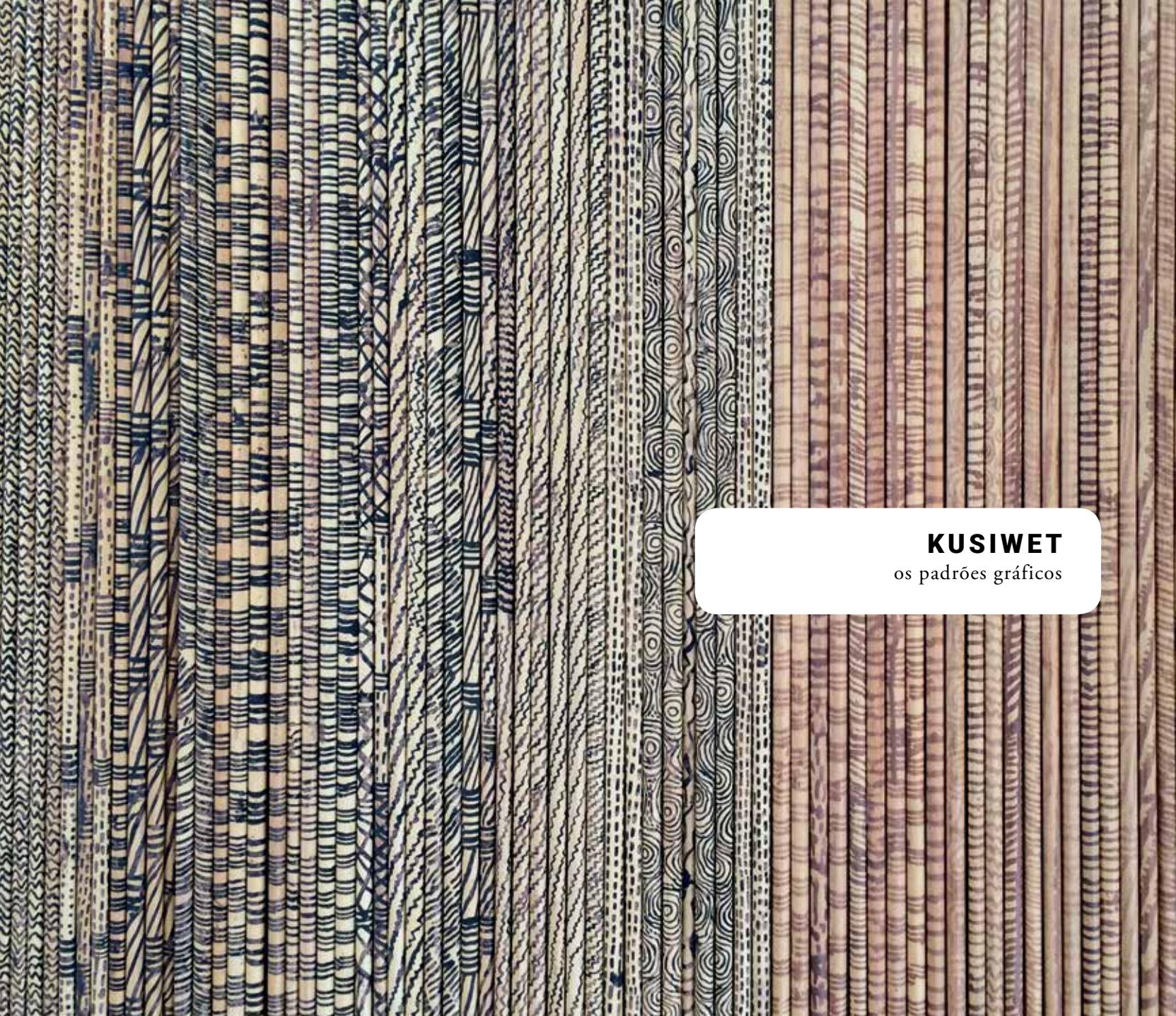


Os Zo'é desejam ter as melhores flechas, e sabem fazê-las. As canas do flechal são cortadas, escolhidas com cuidado e aquecidas no fogo para que fiquem perfeitamente retas, *otengatu*. Depois são deixadas ao sol por vários dias e se tornam leves, *wewyj*.

Uma flecha deve ser *epukupe*, “do meu tamanho”. Ficando de pé, o caçador escolhe uma nova cana-de-flecha, mede na própria altura e corta o que sobra. Só depois disso ele vai fixar as penas e colocar a ponta de taboca. As duas penas precisam formar o

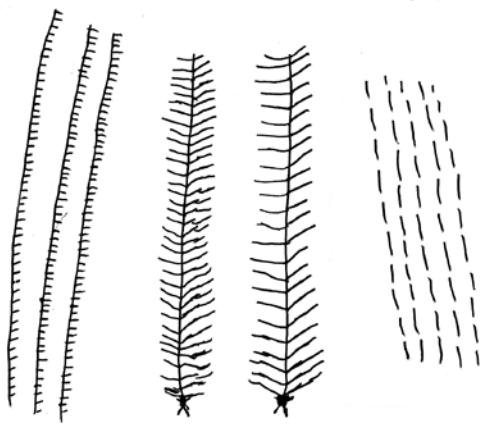
par certo para a flecha girar bem, soar bem e ir certeira: *pyryry gatu, ne'engatu, oho gatu*.

A linha precisa ser fina e resistente. A flecha deve ser *auj*, bela, nas cores variadas das linhas e da penugem de tucano, que se combinam para finalizar a amarração das penas. Seu corpo deve ser tornado escuro, *byk*, adornado com os padrões gráficos feitos com tinta de jenipapo pela esposa do caçador. Sua ponta deve ser *ajbe*, afiada, e a taboca de que é feita deve ser quente e ardente, *aku, kó'ó*.



**KUSIWET**

os padrões gráficos



Cada padrão gráfico tem o seu próprio nome. Guardadas no alto da casa, tantas flechas juntas, lado-a-lado, compõem seus variados desenhos em um arranjo único. Os padrões *kusiwet* se apresentam diferentes entre si e de diferentes modos. As mulheres também embelezam, com tinta de jenipapo e os padrões *kusiwet*, os corpos das pessoas que lhes são queridas. Cada suporte dá novos contornos aos mesmos motivos. Desenhados no papel, eles também são reconhecidos e apreciados. Alguns deles estão aqui, mas há muitos outros.



São sempre as mulheres que desenham nas flechas. Misturada com carvão, a tinta de jenipapo não sai. O caminho deste traçado é o movimento da flecha nas mãos da artista, girando devagar. Enquanto ela move com precisão e delicadeza a haste da flecha com uma das mãos, o fino pincel vai sendo levado com a outra. Quando o trabalho está terminado, podemos também girar a flecha em nossas próprias mãos e conhecer o curioso efeito destes desenhos em movimento.



**JAKIKOK TENONO**  
picotado simples

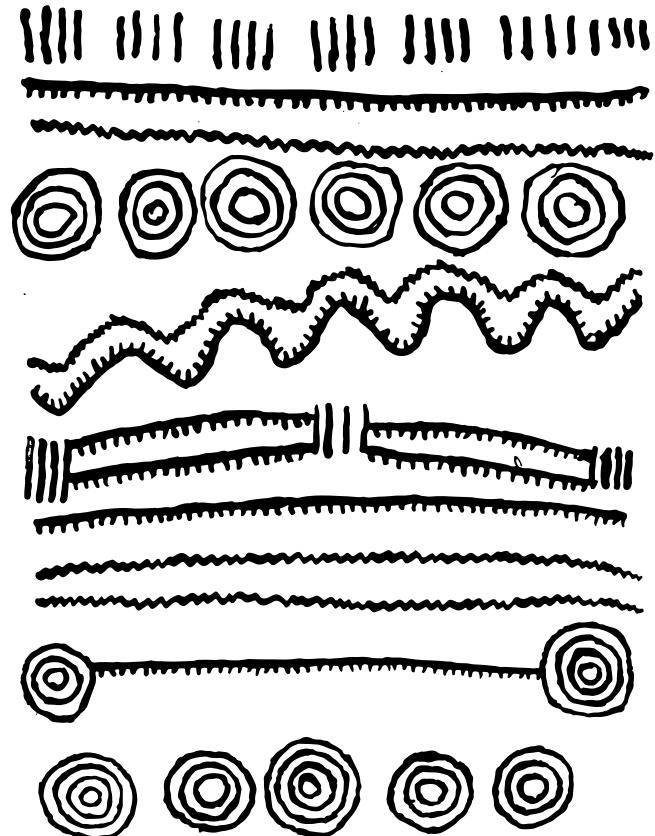
**KUSIWERE'E**  
a escrita propriamente dita

**KUSIWERE'E JIAJIAPAT**  
escrita retorcida

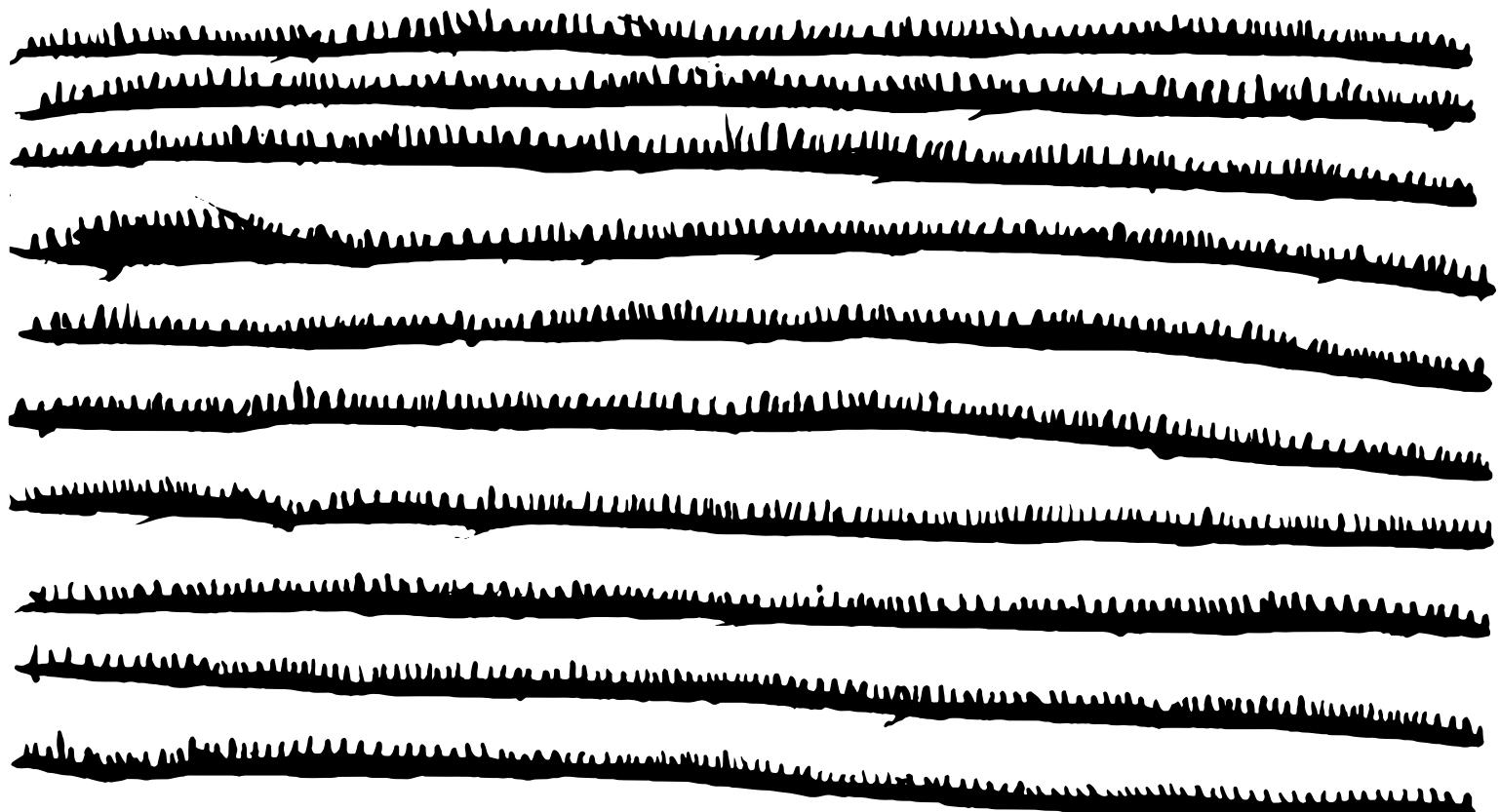
**KUSIWERE'E AJE JAKIKOK**  
escrita de intervalo picotado

**TITIRI**  
crespo

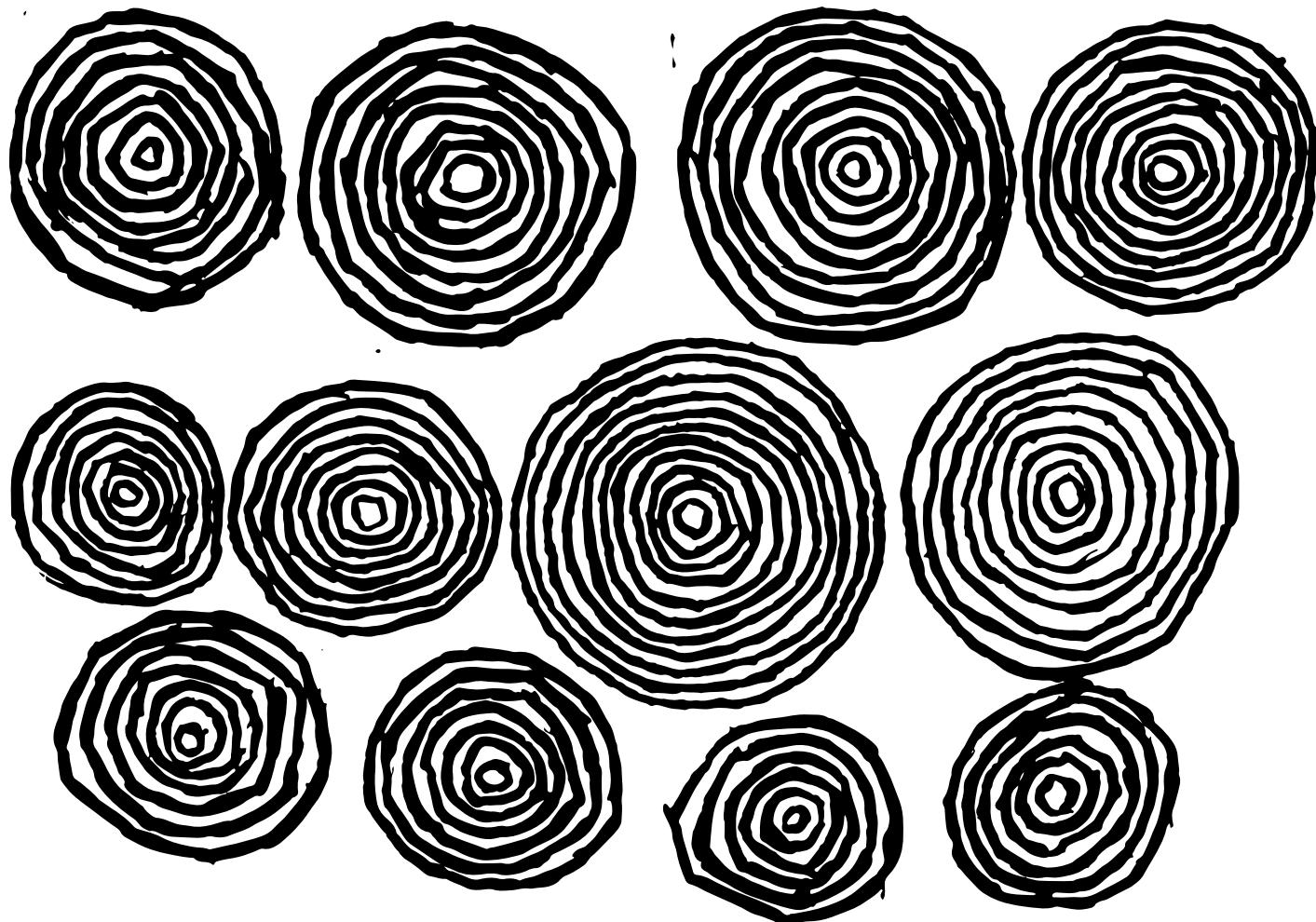
**KININI ROWA**  
face de arara-canindé



**KUSIWET**  
por Wo'i,  
guache sobre papel



**KUSIWERE'E**  
*a escrita propriamente dita*  
por Pane, guache sobre papel



**KININI ROWA**  
*rosto de arara-canindé*  
por Pane, guache sobre papel

## TUKANA RAWET

penugem de tucano



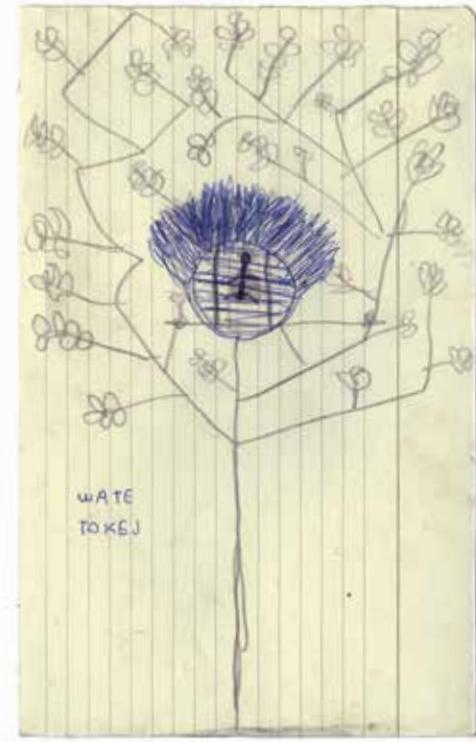
É com *tukana rawet*, a penugem do tucano, que se faz um acabamento delicado chamado *perepo dypy* (“o pé da pena”) na base da amarração das penas de mutum e de urubu-rei.



## AUJHA TENONO

“É só para ficar bonito!”

Cada coisa tem o seu valor e o seu momento. Também podemos encontrar a penugem do tucano guardada no estojo *potuwa*, mas é um elemento raro, nem todo mundo tem.



É muito difícil flechar tucano, tem um tempo certo para isso. Quando o patauá está dando os seus últimos frutos, já quase no verão, é que os tucanos comem sem parar, no alto das palmeiras.



É quando se faz tocaia no alto das árvores, é na estação do tucano gordo — chance de comer muito bem e de guardar a sua bela penugem.



**PEHIN TENONO NAPIJÃNI**

“Só uma destas flechas  
está sem companheira.”

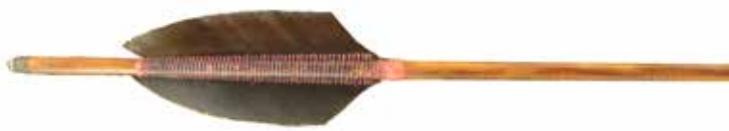
Usando linhas diferentes, as flechas podem ser feitas aos pares. Quando uma delas some, caindo muito longe na mata, ou ficando presa no alto das árvores, dá-se falta do seu par pela cor e logo sabem qual foi.

A flecha pode ter uma amarração simples para as penas ou pode contar com esse acabamento especial, chamado *dybopot*. Ele pode ter uma única cor, pode ser listrado, ou combinar cores diferentes em variados padrões.

As cores das linhas, as cores da penugem de tucano, o tipo de pena usada, os padrões *kusiwet*, são elementos que juntos formam a composição única de cada par de flechas.



**ODE-ODE**  
emenda-emenda



Cabelos alinhados, isqueiro e faquinha na cabeça, arco e flecha nas mãos: prontos para partir.

**JA'E SAHA RANE**  
“Vamos embora!”

Dura e lisa por fora, a parte interna das flechas é de um material muito branco, poroso e macio. Quando ela se quebra durante uma caçada, se estilhaça sem se romper. A casca fibrosa resiste.



Um caçador tem sempre o que precisa para fazer um rápido reparo: isqueiro, faquinha, um pedaço de linha amarrada no pulso e a corda do seu próprio arco. Com precisão, ele corta e descarta a parte que ficou estilhaçada, depois cava um novo encaixe, girando com cuidado a ponta da faquinha por dentro da cana-de-flecha.

É comum encontrar essas curtas faixas coloridas nas flechas dos Zo'é. São as emendas das flechas que já se quebraram, revestidas com linha de costura para reforçar o encaixe interno. Suas cores e seu acabamento cuidadoso evocam a concisão deste senso exato do necessário e do belo, a habilidade de tomar o novo para si da forma mais eficiente e para os seus próprios objetivos.



melhor no fogo baixo



osso de coatá

Quando o reparo é refeito com calma na aldeia, usa-se também resina antes de aquecer a flecha no fogo. Mas na mata, o isqueiro dá apenas um breve toque da chama sobre o remendo, e a corda retirada do arco faz as vezes de tensor, na falta do *simojyng*.

A emenda feita em casa usa encaixe cavado com osso de coatá. Assim a flecha volta a ter o comprimento certo. O pedaço novo é mais claro e ainda não tem tinta de jenipapo.

Tabocas ardentes, boas canas-de-flecha, resinas colantes e as penas mais resistentes, são matérias cultivadas ou encontradas dentro da Terra Indígena, elas fazem parte de um circuito de trocas entre os Zo'é, que se movimenta pelos caminhos entre as aldeias e pela floresta adentro.

Isqueiro, faca, tesoura e linha de flecha também fazem parte da tecnologia zo'é, são escolhas que eles fizeram para continuar tendo as melhores flechas.



PEDAÇO DE  
CASCO DE JABUTI



## BATA

flecha de soco



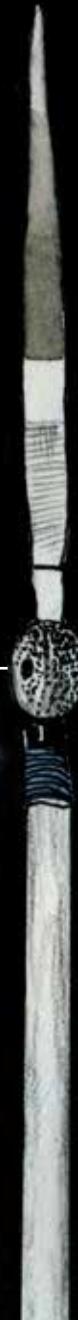
A flecha *bata* tem um pedacinho do casco do jabuti na ponta, preso a uma boa madeira comprida: o tronco fino e reto de uma muda jovem de *tarakwa'y*. A madeira é enfiada bem fundo no corpo da flecha com a resina de maçaranduba, para colar bem.

Esta flecha é usada por caçadores de todas as idades, mas os meninos que ainda estão aprendendo a caçar quase sempre estão com ela. De manhã bem cedo vasculham o entorno da aldeia atrás de matar passarinho. A flecha *bata* é boa para isso, ela abate com um soco, sem dilacerar. No começo da noite, levam suas *bata* e suas lanternas para acertar o pássaro *japim* quando ele vai dormir empoleirado nas canas do flechal.



pedaço de casco de jabuti, *tarakwa'y*,  
faquinha e isqueiro

CAROÇO DO  
FRUTO DO PIRIRÍ



## KWATA BOPUHA TUKAN BOPUHA

assusta-macaco  
assusta-tucano

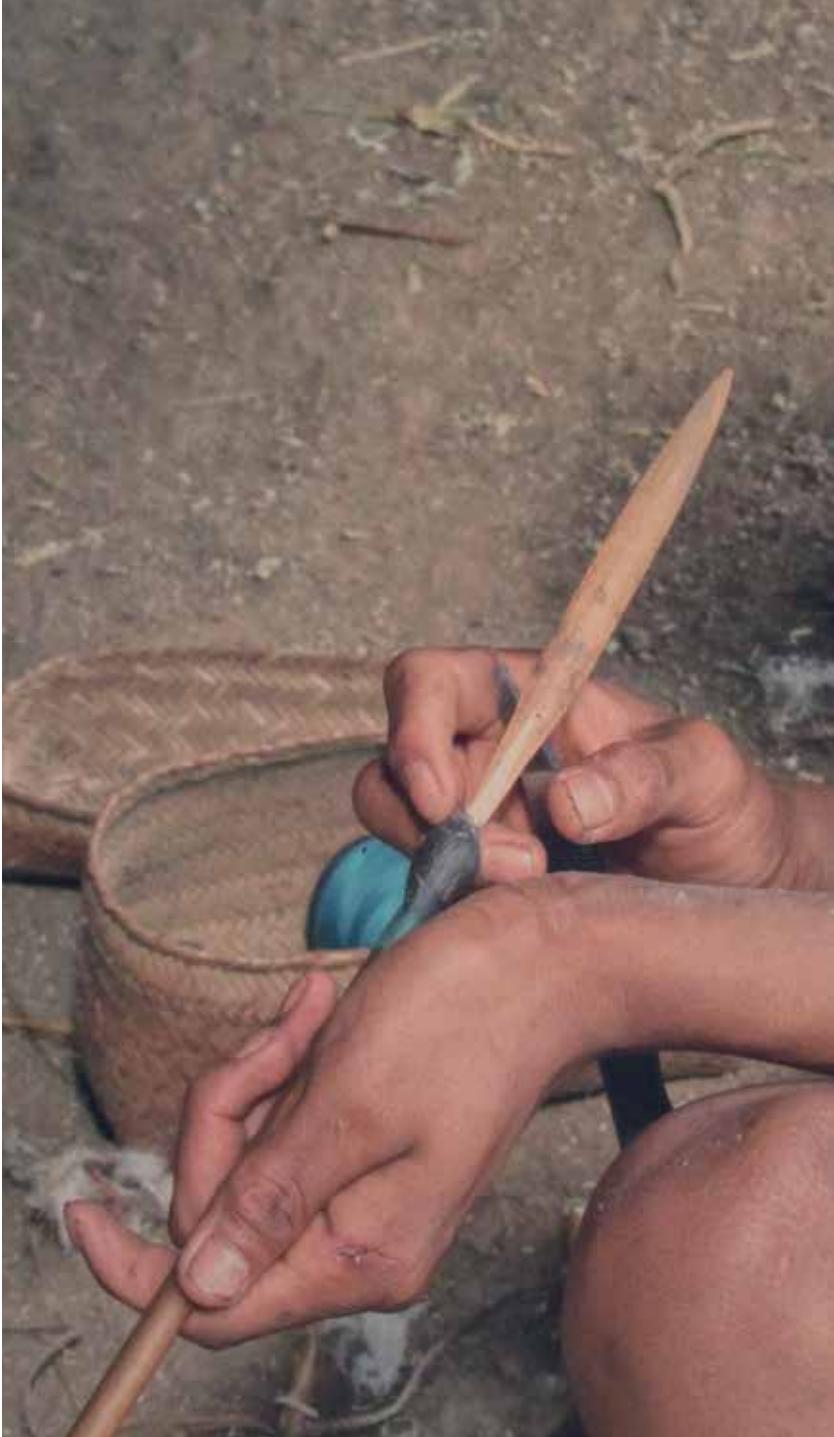
Uma flecha que assavia e engana. O tucano ou o macaco coatá podem se esconder muito alto nas copas das árvores, é difícil acertá-los. Mas, se eles escutam o som desta flecha, pensam que é gavião e sentem medo. Fogem descendo para os galhos mais baixos. É do que o caçador precisa.

Cavado com o *kusiwēj* e preso na vareta resistente que segura a ponta da flecha, o caroço do fruto do *pirirí* ressoa como um apito.



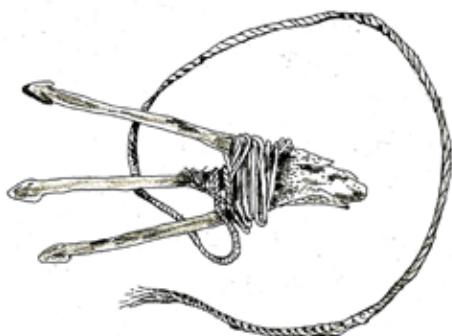


*pirirî e kusiwêj*



## SARAKE

zagaia



É no verão que se bate timbó nos igarapés. As águas estão baixando, cercando, e o veneno daquele cipó tonteia os peixes.

Dá peixe de todo tamanho e junta muita gente para pegar. Homens, mulheres e crianças usam cestos, facas, flechas pequenas, as próprias mãos e as compridas zagaias que os Zo'é chamam de *sarake*.

Com um disparo curto, bem perto da água, a ponta tripla da zagaia agarra os peixes, não deixa escorregar. Ela é boa



LASCAS DE  
OSSO DE COATÁ

para pegar os peixes maiores dos pequenos igarapés: *rapa*, *tere'yt*, *paku*, *bysi*, *raku*, *pire puku*, *di'i*...

A zagaia não precisa de penas e a sua ponta nunca é feita de taboca. As pequenas setas podem ser feitas de metal ou de osso de macaco coatá, elas são os “dentes” da *sarake*, ficam presas na zagaia com uma armação de madeira, que são as suas “mandíbulas”. O tridente também pode ser todo feito em metal.



CAULE DO  
TARAKWA'Y JOVEM



## RIKURU

flecha farpada

A ponta da flecha *rikuru* também é feita com o caule do *tarakwa'y* jovem, a mesma madeira usada na flecha *bata*. Mas desta vez pegam aquela planta em que os galhos novos já começaram a apontar, definindo esse desenho especial – cada farpa da *rikuru* é de onde saíram as ramas do *tarakwa'y*.

A ponta farpada da flecha *rikuru* é feita para atravessar a asa do urubu-rei. Ela fica presa e derruba a ave com seu peso. Já sabemos para que servem as penas do urubu-rei. Essa é uma flecha para fazer mais flechas. Afinal, abatem o urubu só pelas penas, não para comer. A carne do urubu é podre, não se come.

Para fazer esta flecha, escolhem uma cana-de-flecha mais grossa e mais pesada. Quando fazem flechas *rikuru* mais finas, são para pegar tucano e outras aves menores.

PONTA DE UMA  
FACA MUITO GASTA

CORDEL DE CURAUÁ  
OU DE MATERIAL  
SINTÉTICO



## PIDE

flecha-arpão



Paca e cutia são animais que correm muito. Mesmo feridos, podem quebrar a flecha e sumir na mata. São também animais que têm hora certa para se alimentar, e que se espera escondido para flechar, perto de onde tem fruta. O caçador fica ali de tocaia. A flecha *pide* é o instrumento certo para pegar esses dois animais.

Ela é um arpão, uma flecha-armadilha. O seu gancho segura a presa como um anzol. Aliás, os Zo'é também chamam de *pide* o conjunto formado por linha e anzol de pesca, instrumentos que eles conheceram com os não indígenas.

A ponta do arpão é chamada *pideraháj*, ela é o seu “dente”: uma seta de metal presa a um pequeno pedaço

PIDEHAM  
cordel do  
arpão

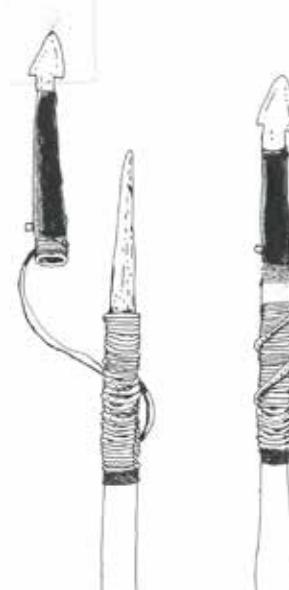


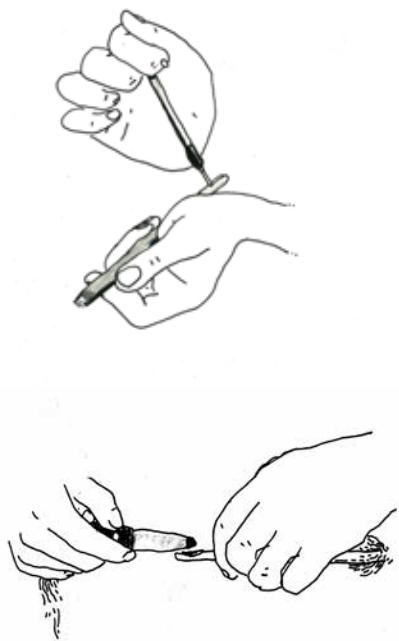
de madeira e a um cordel longo e resistente. Esse dente se prende e se solta da flecha como a tampa de uma caneta. Ele fica encaixado em outra peça de madeira, mais comprida, enfiada bem fundo dentro da cana-de-flecha. Esta peça é a “cabeça” do arpão, onde a outra ponta do cordel fica presa.

Quando o animal ferido corre, a ponta cravada em sua carne se solta do arpão e o cordel se desenrola. Na correria,

a flecha é arrastada e se quebra, mas fica enroscada no mato baixo, atrasando a fuga do animal. Assim o caçador alcança a presa.

Liso e negro, o acabamento da flecha *pide* tem um aspecto bem diferente, comparado com o das outras flechas, mas são usados os mesmos materiais: por dentro é *wyhyk* que cola, por fora linha de flecha e *ratihun* reforçam. Desta vez, a resina *ratihun* vai ser usada em grande quantidade, fazendo uma espécie de encapamento.





---

o jovem Tekaru cola a seta de metal com a resina de maçaranduba para fazer o dente da flecha *pide*





**TOKEJ**  
tocaia diurna

A flecha *pide* é usada na caça de espera, ela sempre é levada pelo caçador quando ele vai para a tocaia ou para o mutá. A tocaia, com sua cobertura de folhas, serve para ele se esconder durante o dia. O mutá é para ficar escondido no



**BYTA**  
mutá, espera noturna

alto, durante a noite. É o melhor jeito de matar paca, ou de matar cutia, animais que têm hora certa e lugar marcado para se alimentar. Se o animal não vê e nem sente o cheiro do caçador, se aproxima sem medo.



**TAPI'IRA MO'E O'U NIJÃ!  
KUSI RUPIJET!**

“Anta volta sempre para  
comer no mesmo lugar!

É igual cutia!”,  
disse Tekaru.

*Takumá, jeja, sisi'y,  
johat, wyhyk,  
kinarã, tereke...*

... assim são chamadas as frutas  
boas para se fazer tocaia perto.

Tem animal que é assim, volta  
sempre para comer no mesmo pé, enquanto  
tem fruta ele vem de novo e de novo. Todo  
dia. Pelo tipo de rastro, o caçador já sabe  
qual é o animal e qual a hora em que  
costuma aparecer, então fica de tocaia.

Cutia come fruta de manhã bem  
cedo. Nessa hora também pode aparecer  
nambu e outros pássaros parecidos com  
este. De dentro da tocaia, o caçador mira e  
acerta, sem ser visto.

Paca, anta e veado só vêm comer  
fruta à noite. É a eles que o caçador surpre-  
ende no escuro, do alto do mutá, com a  
flecha *pide* e uma boa lanterna.

O jovem Tekaru tinha saído bem cedo e ainda de manhã voltou com caça, satisfeito. Quem estava em casa era Pisasa, cuidando do bebê. Ela havia sonhado, só agora contou. Sonhou que cavava a terra para pegar batata-doce. Era mesmo presságio de caititu, então. Mas para Tekaru tinha sido uma boa surpresa. Ele tinha ido fazer tocaia para pegar cutia. Não se faz tocaia para caititu.

#### **TAHYPARARA**

**DO'UNIJÃJ, KUSI**

**RUPIJET A'E RUWÃ**

“Caititu não come  
sempre no mesmo lugar,  
não é igual a cutia.”

Ele matou só um caititu, o resto do bando fugiu. Eles são assim mesmo, se espalham sem deixar rastro.

#### **MARÃMARÃTY TITU OHO,**

**A'E DIKUHAJ**

“Caititu corre  
um pra cada lado,  
aí perdemos eles.”

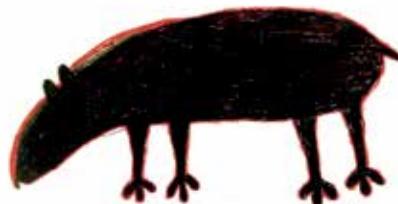
Caititu anda em bando pequeno, nem chegam a dez. Não é igual ao porco-queixada. Um bando de queixadas pode ter várias dezenas de porcos. Quando alguém os escuta por perto, faz silêncio e volta escondido pelo caminho, vai chamar outros caçadores. Quanto mais gente, melhor. Seguindo o seu rastro comprido, os caçadores vão muito longe.

#### **TAJAHU DODYJ.**

**ONAN UHUIII E'E**

“O porco-queixada  
não se espalha.  
Corre em bando  
graaaaande mesmo”,

conta Tekaru.



## POR ONDE A CAÇA ANDA

A caça faz andar.

Faz ir e voltar sozinho todo dia, ali do lado da aldeia, no pé de inajá:

*a cutia deixou rastro?*

Faz todo mundo mudar para aldeia nova no inverno:

*o coatá já tá bem gordo?*

Faz juntar muita gente pra correr longe atrás das queixadas:

*para que lado foi o bando?*

Cada animal vive de um jeito, então o jeito de caçar cada bicho é um jeito diferente de caminhar e de fazer territórios.

O coatá e o guariba moram no alto das grandes árvores. No emaranhado da copa do angelim, na forquilha dos galhos da aroeira, ali é a sua casa. Saem para comer durante o dia e voltam à noite para dormir, são como a gente, *zo'é rupijet*. O caçador sabe onde eles moram. Quando quer procurar macaco, vai escondido pelo território do coatá.

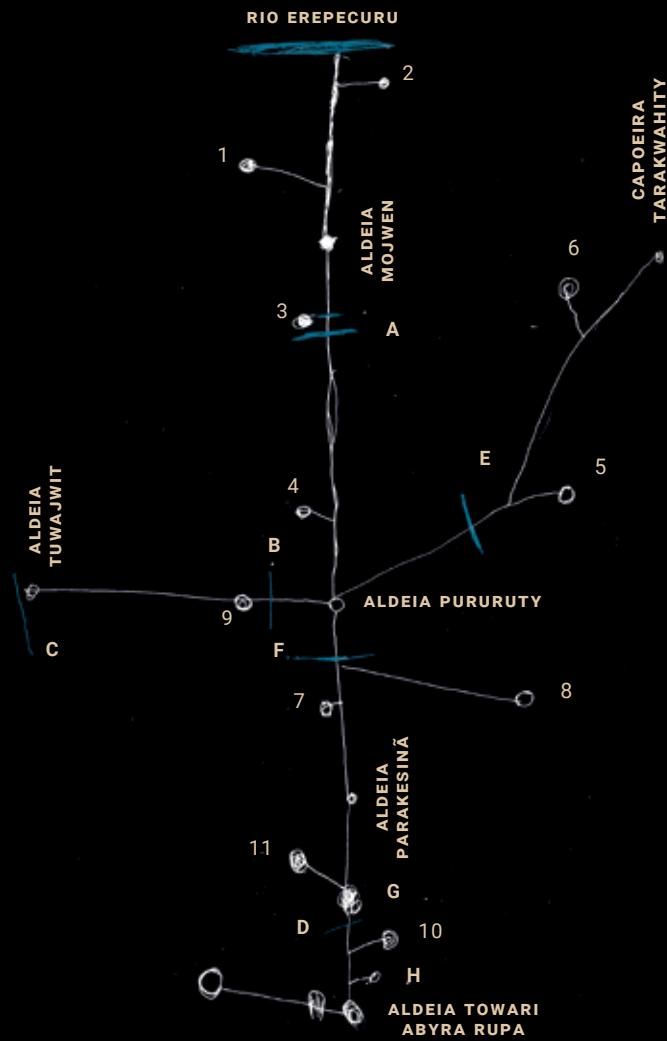
O gavião real não é assim, ele não tem casa. *Datupajikuhaj*, “não conhece morada”. Anda em uma e em outra mata, caçando e comendo. Quando faz ninho é só para cuidar dos filhotes por um tempo. Não é sempre que se vê um gavião real por aí, é difícil um caçador acertá-lo. Ele não é como o urubu-rei.

O urubu-rei também é como a gente, mas é como a gente mesmo. Ele vive em uma casa grande e cuida da sua roça. Não mora em árvore, mora no céu, um pouco antes da morada dos mortos. É lá que fica a sua aldeia. Só desce de lá para comer carne podre.

Quando querem novas penas para as suas flechas, os Zo'é têm que fazer tocaia para pegar o urubu-rei, tem que colocar carne podre nos lugares onde ele gosta de descer.

## ATRÁS DAS PENAS OUTRA VEZ





### TOCAIAS E SEUS DONOS

Tocaia 1 : Teakwá  
 Tocaia 2, 6, 7 e 10 : Ke'i apo  
 Tocaia 3 e 5 : San  
 Tocaia 4, 8 e 11 : Eremin  
 Tocaia 9 : Su'a

**A** Igarapé Boj Uhu Nem

**B** Igarapé do Açaizal

**C** Igarapé Tuwajwit

**D** Igarapé da Embaúba

**E** Igarapé do Castanhal

Jawarakwat

**F** Lagoa Johat

**G** Serra muito alta

**H** Lugar onde Teakwá

fez a sua canoa

— Rio e Igarapés

— Caminhos

**TOCAIAS PARA**  
**PEGAR URUBU-REI**  
 mapa feito por Ke'i apo



Penas negras para as flechas. Penas brancas para os cocares de festa, sua delicada penugem algodoada dá origem à tiara das mulheres.

É de tocaia que se pega urubu-rei, com armadilha. Se for adulto e já muito valente, abatem para pegar as penas. Se for uma ave jovem, pode ser levada para casa como bicho de estimação. Na aldeia, eles ficam empoleirados, admirados e alimentados.

O urubu-rei é desconfiado, custa a descer no chão. Pousa em algum galho alto e pensa muito antes de baixar na terra.

**MURŪHA UHU E'E, RUWU!  
BA'U JAWAT,  
BA'U ZO'É...**

“Pensa muito mesmo,  
o urubu-rei!  
Olha se tem onça,  
olha se tem gente...”,  
disse Ke'i apo.

Quando vê outro igual a ele, aí tem vontade de descer. Por isso é bom levar os urubus de criação para dentro da tocaia e mostrar na hora certa.



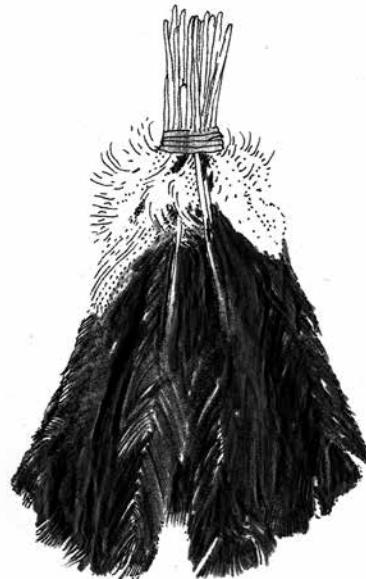
Penas grandes presas em longas varinhas também são levadas para a tocaia. Se o urubu-rei fica só olhando, sem descer para comer, é preciso enganá-lo. Batidas com força no ar, elas soam feito asas. Para ele, é como ouvir um amigo chamando: “vem comer!”



O pessoal da aldeia Towari Abyra Rupa tem sempre muitas penas. Na última festa, eles levaram cocares para todo mundo. Eles sabem mesmo onde o urubu-rei gosta de descer. Quando o lugar é bom de tocaia, o dono não larga mais.

San, Ke'i apo, Eremin, Su'a e Teakwá, cada um deles tem os seus lugares de tocaia. Já faz muito tempo, San era só um rapaz quando o finado Tarawit mostrou primeiro para ele, e então voltaram para casa com muitas penas. Hoje sua casa é ali.

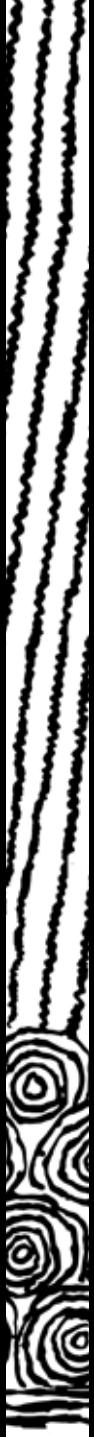
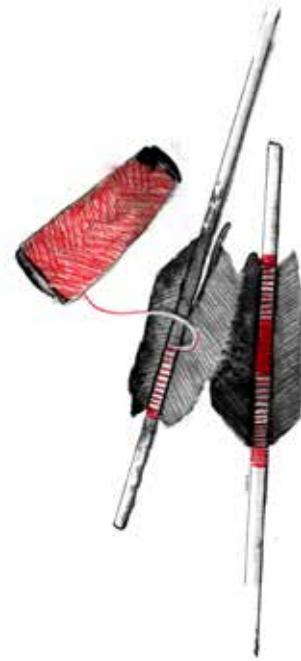
Seu sobrinho Ke'i apo desenhou o mapa que acabamos de ver. Foi agora em fevereiro, as chuvas já começavam e *pearim* – a constelação de Órion – brilhava no meio do céu, ao entardecer. Logo mais ia chegar o tempo do coatá gordo e ele queria as penas para fazer muita flecha. Sabia onde ir.



\*

\* \*





## **COMO ESTE LIVRO FOI FEITO**

Desde setembro de 2016, o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, Iepé, desenvolve atividades na Terra Indígena Zo'é para apoiar esse povo a construir seu Plano de Gestão Territorial e Ambiental, PGTA. Nesse contexto, foi iniciada a formação de um grupo de pessoas, de diferentes aldeias, interessado em aprender a ler e escrever em sua própria língua. Este livro foi produzido em meio a estas atividades, a partir do diálogo que elas nos proporcionavam com os Zo'é.

Em março de 2019, Tebo me recebeu em sua casa, à beira do igarapé Tuwajwit, na altura em que ele desemboca no rio Erepecuru, no norte da Terra Indígena. Também estavam ali seu filho Ke'i apo e os seus sobrinhos Eremin e Tekaru, vindos de duas aldeias vizinhas. Eles fazem parte daquele grupo de pessoas que está aprendendo a ler. Este era o motivo para estarmos juntos ali por duas semanas.

Realizamos atividades diárias de leitura e escrita em língua zo'é e foi neste ambiente que compartilhamos a ideia de produzir um livro, com o objetivo de promover o Fundo de Artesanato Zo'é. San e Serí, dois irmãos mais velhos de Tebo também compartilharam ensinamentos que orientam a narrativa deste livro, bem como Singuhu, outro importante líder daquela região.

Uma outra visita à Terra Indígena Zo'é, entre maio e junho, incluiu um período de duas semanas na aldeia Buruwa. Desta vez, eu acompanhava Tereren, Awapoí Ajá Ra'yt e Pijihe, que também fazem parte da turma de letramento. Muitas informações importantes sobre a produção das flechas foram complementadas neste período, inclusive com a colaboração de outras pessoas, como os três meninos Tapy'ŷj hy, Erakiri e Masuruwá, além do casal formado por Yjwej Ra'yt e sua esposa Wo'í, conhecedora dos padrões *kusiwet* que adornam as flechas.

O material levantado, fotos, apontamentos e primeiros esboços para o texto, foram compartilhados com a equipe do Programa Zo'é do Iepé e em colaboração com Dani Eizirik, ao longo de todo o período decorrido desde março. Em agosto, estivemos todos juntos na

Terra Indígena, com uma intensa agenda de atividades que incluía uma das etapas de finalização deste livro. Neste período, pudemos apresentar o texto e os desenhos já produzidos, bem como as fotografias escolhidas, a alguns dos nossos colaboradores zo'é. Isso aconteceu na base da Frente de Proteção da Funai e na aldeia Manga. Nessa aldeia residem Tereren, Wo'í e todas as pessoas com quem estivemos na aldeia Buruwa em maio. As indicações que recebemos neste momento de retorno do material foram, mais uma vez, fundamentais, tanto na revisão do texto como para os desenhos produzidos por Dani.

Wo'í e Pane desenharam os padrões *kusiwet* que reproduzimos nas páginas 75 a 79. A padronagem que vemos na página 16 é resultado de uma pintura de Wo'í manipulada digitalmente<sup>1</sup>.

---

1. Dani propôs à pintora Wo'í revestir com papel uma cana-de-flecha. Depois de pronta, a capa de papel foi aberta e estampada no plano seguidamente. A ideia simula um carimbo, reproduzindo no papel o efeito ótico da flecha curva, girando.

Awapo'i é o autor do texto em língua zo'é usado na abertura, nossa instrução de uso do *potuwa*. Foi o seu amigo Supi que passou a limpo a versão aqui apresentada. O mapa das tocaias para pegar urubu-rei no entorno da aldeia Towari Abyra Rupa foi feito por Ke'i apo. Em agosto, Kubi'euhu, Supi e Mima discutiram conosco algumas escolhas de grafia das palavras em língua zo'é.

Santarém, 05 de novembro de 2019  
Hugo Prudente

## GLOSSÁRIO

### CANA-DE-FLECHA

*Wywa*

Também conhecida como “cana-do-rio”, esta planta possui certa semelhança com o juncos, mas pertence ao gênero *Gynerium* e alcança vários metros de altura. De hastes leves, compridas e eretas, a variedade encontrada na Terra Indígena Zo'é e em toda a região norte amazônica é perfeita para a produção de flechas e é cultivada com esta finalidade por diferentes povos. Devido ao seu crescimento acelerado e grande resistência, é uma importante espécie pioneira, ou seja, ela ocupa rapidamente áreas derrubadas e promove a recuperação da floresta.

### CAITITU

*Tatitu, titu, tahyparara*

Chamado de porco do mato por sua aparente semelhança com o javali, este animal pertence, na verdade, a uma outra espécie, do gênero *Pecari*. Não muito grande, tem pelo escuro em todo o corpo, possuindo uma característica linha de pelagem clara em volta do pescoço, que os Zo'é dizem ser o seu “colar”. Forma bandos pequenos, contando entre cinco e quinze indivíduos.

## CAPOEIRA

*Taperet*

Quando uma aldeia é abandonada, seu pátio e sua antiga roça vão sendo gradativamente retomados pela mata. Gramíneas e espinhos tomam espaço primeiro, seguidos por espécies como a embaúba e as palmeiras de inajá, em um ciclo que só ao cabo de muitos anos trará de volta as grandes árvores que caracterizam uma floresta madura. “Capoeira” é a paisagem característica desta fase intermediária entre aldeia e floresta. Assim como outros povos, os Zo’é reconhecem na paisagem os lugares de suas antigas aldeias, voltam sempre para as suas capoeiras, coletam frutos, recuperam cultivos e caçam os animais que frequentam estes lugares ricos em alimento.

## COATÁ

*Kwata*

Também conhecido como macaco-aranha ou coamba, ele é o maior primata das Américas. De pelo escuro, membros e cauda compridos, este macaco do gênero *Ateles* vive nas copas mais altas das árvores. É a caça preferida dos Zo’é. Entre março e maio, período bastante chuvoso, as frutas que servem de alimento para o coatá estão bem maduras. É o tempo do coatá gordo, momento importante do calendário zo’é, quando as famílias vão para os seus distintos territórios de caça.

## CURAUÁ

*Kurawa*

Bromélia amazônica da qual se extrai uma fibra muito resistente. Cultivada nas roças dos Zo’é, é a matéria-prima usada para fiar cordéis de diferentes espessuras que servem em seus arcos, redes e instrumentos diversos, como o tensor *simojyng*, usado na produção e no reparo das flechas.

## CUTIARA

*Kusiwēj*

As cutias são roedores de pequeno porte do gênero *Dasyprocta*. Seu hábito de carregar sementes por longas distâncias e enterrá-las para estocar alimento as torna essenciais na manutenção da biodiversidade. No Brasil há pelo menos nove espécies diferentes de cutia. Popularmente, é comum distinguir entre elas a “cutiara”, menor que as demais.

## FORMÃO

*Kusiwēj*

Instrumento de corte, cuja lâmina afiada é afixada na extremidade de um cabo de apoio. Na carpintaria, por exemplo, é usado para entalhar ou esculpir madeira. Na produção das flechas, o formão de dente de cutiara é usado pelos Zo’é em diferentes momentos, para escavar a haste da flecha, o eixo da pena ou o encaixe da ponta do arpão.

## MAÇARANDUBA

*Wyhyk*

É uma das árvores mais altas encontradas na Amazônia, podendo alcançar até cinquenta metros. Pertence ao gênero *Manilkara*, e sua madeira é extremamente resistente. Produz uma resina que os Zo'é usam como cola para diversas finalidades.

## MUTÁ

*Byta*

Espécie de tablado ou andaime construído na mata pelo caçador para esperar e surpreender a caça. Costuma ser feito de troncos finos amarrados com cipó. Preso a cerca de dois metros do chão, frequentemente fica apoiado em uma árvore frutífera onde as caças vêm se alimentar.

## MUTUM

*Mitu*

Pássaro de porte médio, pouco maior que uma galinha, com penas muito negras e um característico topete. Sua carne é muito apreciada e “procurar mutum” é o motivo declarado para longas caçadas, quando acaba o verão. Também é comum encontrá-lo nas aldeias zo'é como animal de estimação.

## QUEIXADA

*Tajahu*

A queixada pertence ao gênero *Tayassu*, e também costuma ser chamada de porco do mato. É significativamente maior que o caititu, com cerca de um metro de comprimento. Tem pelo escuro e queixo branco. Famosa por sua agressividade, tem o costume de bater o queixo com força quando é acuada, hábito que lhe deu nome. Vive em bandos muito numerosos, podendo superar 300 indivíduos, sendo um animal que circula por amplos territórios.

## TABOCA

*Piriji*

“Bambu” é uma denominação bastante vaga, designa mais de mil espécies vegetais em quase todo o globo. As variadas tabocas nativas da Amazônia brasileira se encontram também neste conjunto. Elas são usadas para diversas finalidades, notadamente na produção de flautas e de pontas de flecha. Os Zo'é as reconhecem sob diferentes denominações segundo o seu tamanho e o seu uso.

## TOCAIA

*Tokej*

Estrutura de folhas de palmeira onde o caçador se esconde para espreitar a caça. Ver sem ser visto é o propósito a que a tocaia atende, o que exige uma disposição para o silêncio e a espera,

além de um refinado conhecimento sobre o comportamento e ponto de vista dos animais. Por isso, ela é quase totalmente fechada, mantendo-se apenas um buraco na altura da cintura, por onde o caçador vê e flecha a caça.

## **TIMBÓ**

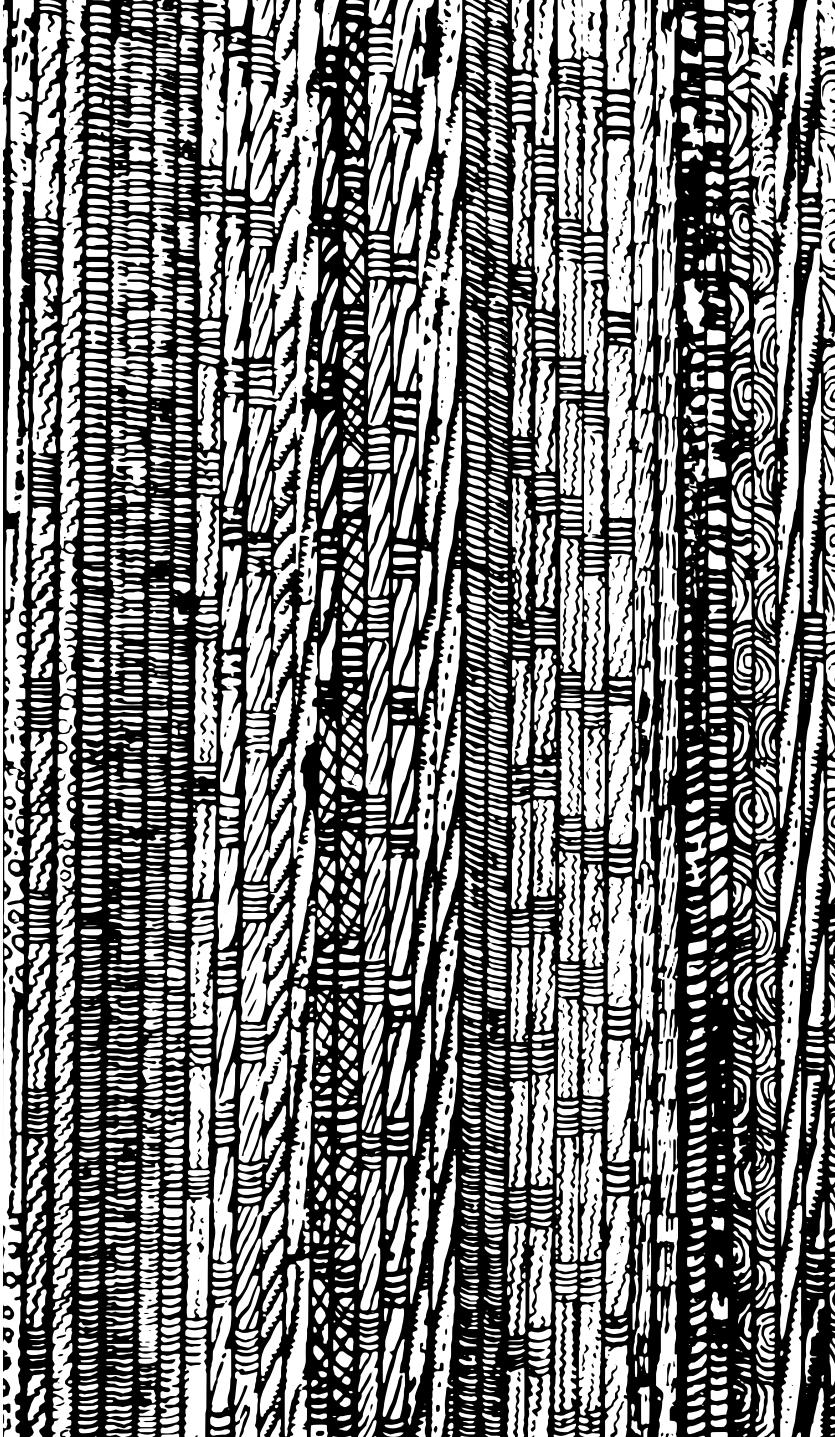
*Meku*

É um grosso cipó. Macerado e imerso na água dos igarapés, ele libera uma substância esbranquiçada que asfixia e atordoa os peixes. Eles vêm até a superfície e podem, assim, ser capturados com facilidade. Diversas espécies são designadas popularmente com este nome. O uso de venenos vegetais na pesca estende-se a toda a América.

## **URUBU-REI**

*Ruwu*

Ave de rapina de tamanho respeitável, o urubu-rei pode ter até dois metros de envergadura. Voa sempre em grande altura, mas logo se deixa reconhecer pela destacada estabilidade de seu movimento. Bem diferente dos urubus comuns, o contraste entre o branco e o negro de suas penas o caracteriza, bem como a cabeça e o pescoço nus. Se alimenta de carniça e tem por hábito fazer suas refeições em bando.



**A VENDA DE EXEMPLARES DESTE  
LIVRO É REVERTIDA AO FUNDO DE  
ARTESANATO ZO'É - FAZ - DA FRENTE  
DE PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL DO  
CUMINAPANEMA - FPEC/FUNAI**

POTUWA PORA KÓ – O QUE SE GUARDA NO *POTUWA*

REALIZAÇÃO

Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé  
Frente de Proteção Etnoambiental do  
Cuminapanema – FPEC/Funai

DIREITOS AUTORAIS

© Povo Zo'é da Terra Indígena Zo'é – Pará

PESQUISA, TEXTOS E ORGANIZAÇÃO

Hugo Prudente da Silva Pedreira

CAPA, DESENHOS,  
MONTAGEM E PROJETO GRÁFICO

Dani Eizirik

REVISÃO

Dominique Tilkin Gallois, Dani Eizirik,  
Flora Dias Cabalzar e Leonardo Viana Braga

APOIO PARA REVISÃO EM LÍNGUA ZO'É

Kubi'euhu, Supi e Mima

PREFÁCIO E TEXTO DE ABERTURA

Dominique Tilkin Gallois, Fábio Nogueira  
Ribeiro, Awapo'i Zo'é e Supi Zo'é

REGISTRO FOTOGRÁFICO

Hugo Prudente, Dani Eizirik  
e Leonardo Viana Braga

PADRÓES *KUSIWET*,

MAPA DAS TOCAIAS E DESENHOS

PÁG 44, 49, 82, 83, 119: Kubi'euhu, PÁG 76-79: Pane,  
PÁG 16, 20, 75, 92, 136: Wo'í, PÁG 124: Ke'i apo

COLABORAÇÃO DURANTE LEVANTAMENTO

Tebo, Eremin, Tekaru, Seri, Singuhu,  
Tereren, Aj já Ra'yt, Pijihe, Tapy'ŷj hy,  
Erakiri, Masuruwan e Yjwej Ra'yt

REALIZAÇÃO



APOIO



Rainforest Foundation  
Norway



**FUNDO  
AMAZONIA**



MINISTÉRIO DA  
ECONOMIA

MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE



“Os *kirahi* devem achar  
que é para guardar comida,  
mas o *potuwa* não é para isso não.

Os antigos, certa vez,  
colocaram comida dentro de um  
*potuwa* e por causa disso ficaram  
de estômago embrulhado.

O *potuwa* grande  
é só para guardar penas.  
O *potuwa* pequeno  
é para guardar linha de flecha, é  
para guardar o formão *kusiwēj*  
e o tensor *simojyng* também,  
resina de árvore também,  
faquinha também.

São essas coisas que se guarda no  
*potuwa*,

disse Awapo’i.”